

revista.ufscar.br

Nº 03

Dezembro/2018

REVISTA **ufscar**

Revista da Universidade Federal de São Carlos



TRANSFORMANDO A SAÚDE

UFSCar inova na formação de profissionais e fortalece os serviços de saúde oferecidos à população

■ **HOSPITAL UNIVERSITÁRIO**

Referência em atendimentos de Pediatria e Saúde Mental.

■ **UNIDADE SAÚDE ESCOLA**

USE oferece atendimento gratuito à população e auxilia na formação de estudantes.

■ **APRENDER E TRANSFORMAR**

Médicos formados na UFSCar são preparados para continuar aprendendo ao longo da vida e para transformar a sociedade.

40
ANOS

Instituto
Lahmiei ufscar

Coordenação
Prof. Dr. Celso Goyos

**Nosso foco é na pesquisa,
mas os resultados são
mais conhecidos como**

esperança

Há 40 anos o Instituto LAHMIEI – Autismo, fundado e coordenado pelo Prof. Dr. Celso Goyos, é uma das principais referências no estudo do TEA (Transtorno do Espectro Autista) no Brasil, sob a perspectiva da Análise de Comportamento Aplicada (ABA). Estar na vanguarda das pesquisas científicas relativas ao tratamento do autismo não traz só uma grande responsabilidade, mas tem trazido resultados incríveis. Isso mostra que ciência feita com dedicação, persistência, ética e competência contribui de forma plena com o progresso de nossa sociedade.

O Instituto LAHMIEI – Autismo tem como compromisso principal a produção e transferência do conhecimento na área de ABA e Autismo, com responsabilidade científica e social. Esses objetivos são alcançados através do Curso de Especialização em Análise de Comportamento Aplicada ao Autismo – reconhecido pelo MEC e pelo Behavior Analysis Certification BoardR, e de outros cursos avançados oferecidos pelo Instituto LAHMIEI-Autismo e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Psicologia e Educação Especial da UFSCar, e também parcerias para supervisão para intervenções em ABA.

Sob a coordenação do Prof. Dr. Celso Goyos e vice-coordenação da Profa. Dra. Giovana Escobal, o Instituto LAHMIEI - Autismo tem oferecido muito mais que resultados, tem trazido, direta ou indiretamente, esperança a milhares de famílias brasileiras.



Prof. Dr.
Celso Goyos



Profa. Dra.
Giovana Escobal



instituto
Lahmiei
a u t i s m o



EXPEDIENTE

Revista UFSCar Ano 2 -
Número 3 - Dezembro de 2018

REALIZAÇÃO: Coordenadoria de Comunicação Social (CCS-UFSCar), Fundação de Apoio Institucional (FAI-UFSCar)

Versão Online: revista.ufscar.br

Contato: revista@ufscar.br

Tiragem Impressa: 5 mil exemplares - distribuição gratuita.

Textos:

Adriana Arruda
Denise Britto
Fabricio Mazocco
Gisele Bicaletto
Mariana Ignatios
Mariana Pezzo

Fotos:

Acervo Ouroboros
Beatriz Rezende
Fabricio Mazocco
FCM - Cristiano Menezes
João Moura
Mariana Ignatios
Shutterstock
Tiago Santi
Vinicius Gonçalves

Projeto Gráfico e Editoração:
Ricardo Sahara

Editor de conteúdo

jornalístico:

João Justi - MTB 49.052

Coordenação:

Ednaldo Pizzolato

Diretor Executivo da FAI-UFSCar:

Francisco Wagner Ruiz

Reitora da UFSCar:

Wanda Hoffmann

FORMANDO PESSOAS E TRANSFORMANDO A SAÚDE

A preocupação com o bem-estar e a saúde é uma das características da sociedade moderna. Vivemos procurando meios para manter corpo e mente saudáveis, e formas para viver melhor e por mais tempo. Pensando nisso, esta terceira edição da Revista UFSCar aborda de modo especial a área da Saúde, revelando algumas frentes de atuação da Universidade em favor da qualidade de vida das pessoas.

Você poderá conhecer como a UFSCar tem formado médicos comprometidos com o cuidado integral ao paciente, com a saúde da família e com a transformação do Sistema Único de Saúde (SUS). Você ficará por dentro do trabalho desenvolvido há 14 anos na Unidade Saúde Escola (USE) que, além de oferecer tratamentos gratuitos à população em sete diferentes linhas de cuidado, também colabora na formação dos estudantes. As histórias de vida que a USE já ajudou a salvar são emocionantes. Apresentamos também um raio-X do Hospital Universitário, que tem continuamente ampliado sua infraestrutura e os atendimentos à população, se tornando referência

regional em Pediatria e Saúde Mental. Mostramos, ainda, a atuação do Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado (Lahmiei) da UFSCar que é destaque no tratamento de pessoas com autismo.

Esta edição também tem cultura – com as ações do Núcleo Ouroboros, que utiliza a arte para levar o conhecimento científico mais perto das pessoas; esportes – mostrando a participação das Atléticas nos quatro campi da Universidade; meio ambiente – com o trabalho de pesquisa para preservação das abelhas, realizado no Campus Araçaras; e ação comunitária exemplificada pela feira de produtores do Campus Lagoa do Sino – um projeto de extensão universitária que abre as portas do Campus a agricultores familiares da região.

Esperamos que goste e se surpreenda – ainda mais – com o poder transformador da nossa Universidade. Desejamos a você uma boa leitura!

**Wanda Hoffmann,
Ednaldo Pizzolato e João Justi**



Shutterstock

ESPECIAL SAÚDE

Além da formação de profissionais altamente qualificados para atuarem na área da Saúde, a UFSCar oferece atendimentos gratuitos, no Hospital Universitário e na Unidade Saúde Escola, que se fortalecem como espaços de cuidado integral e humanizado à população de São Carlos e Região.



06



João Moura

ESPORTE

Garra de estudante

Atividades físicas, ações sociais e integração marcam atuação das Atléticas na UFSCar.



10

Cristiano Menezes

MEIO AMBIENTE

De flor em flor

Pesquisadoras da UFSCar explicam a importância das abelhas para o ecossistema e sugerem novos caminhos para preservá-las.



14

Acervo Ourobours

CULTURA

Ciência, arte e paixão

Ourobours utiliza teatro, música e circo para divulgação científica e inclusão.



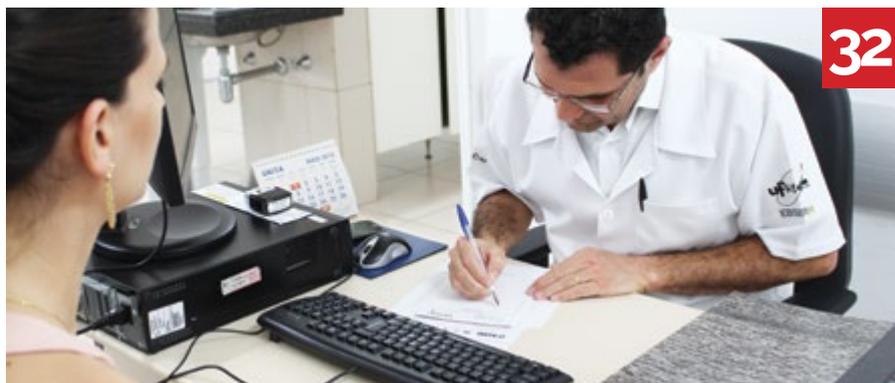
20

Tiago Santi

ALÉM DA SALA DE AULA

Feira em família

Projeto abre as portas do Campus Lagoa do Sino da UFSCar a produtores de alimentos da região.



32

Beatriz Rezende

ESPECIAL SAÚDE

Hospital Universitário

Referência na saúde de São Carlos em atendimentos de Pediatria e Saúde Mental.



38

Vinicius Gonçalves

ESPECIAL SAÚDE

Longe da solidão

Laboratório da UFSCar é destaque nacional em tratamento que ensina habilidades sociais e proporciona independência a crianças com autismo.



46

João Moura

ESPECIAL SAÚDE

Aprender e transformar

Médicos formados na UFSCar são preparados para continuar aprendendo ao longo da vida.



GARRA DE ESTUDANTE

Estudantes em treino de atletismo no Campus São Carlos

Atividades físicas, ações sociais e integração marcam atuação das Atléticas na UFSCar

✍️ Adriana Arruda 📷 João Moura

Aulas, provas, seminários. Eventos, trabalhos, apresentações... e prazos! Muitos prazos! A vida acadêmica dos jovens que ingressam na universidade é comumente marcada por cobranças, compromissos e desafios, o que facilmente pode desencadear quadros de estresse e ansiedade. Por isso, é preciso saber desacelerar e, sobretudo, encontrar fontes

alternativas de divertimento, descontração e socialização para que a universidade cumpra, de fato, o seu papel de agente transformador. Foi pensando nisso que surgiu, nos quatro campi da UFSCar – São Carlos, Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino – a Associação Atlética Acadêmica (AAA), uma entidade sem fins lucrativos que visa incentivar o esporte no ambiente universitário. “Tentamos mostrar que a vida universitária não deve ser somente dedicada aos estudos, mas que também devemos

ter tempo para praticar esportes e manter uma vida mais saudável”, destaca João Marcos de Jesus, aluno de Engenharia de Alimentos e integrante da Atlética do Campus Lagoa do Sino.

O papel das Atléticas é despertar a consciência dos estudantes sobre a importância da prática esportiva para a saúde e para um bom desenvolvimento social, intelectual e cognitivo. “O sedentarismo entre alunos de graduação e pós-graduação é algo alarmante e a preocupação excessiva com

os estudos faz com que, muitas vezes, eles deixem de lado a própria saúde. Por estarem presos a livros e computadores, é comum enfrentarem dificuldades físicas e mentais ao longo de sua formação. Nós os incentivamos a deixar o sedentarismo, conhecer novas modalidades esportivas e a construir grandes amizades”, afirma João Pedro Silva, graduando em Engenharia Agrônômica e também membro da Atlética de Lagoa do Sino.

Papel do esporte

Além de garantir saúde e mais qualidade de vida, o esporte atua como um facilitador na integração entre calouros e veteranos. “Os calouros comumente chegam acanhados, cheios de vergonha, e o esporte ajuda na integração da comunidade estudantil. Também temos casos em que o esporte já estava presente na vida das pessoas antes da chegada à Universidade; nesse sentido, nós ajudamos na preservação desse laço, dando as condições para que os estudantes continuem a praticar seus esportes favoritos”, afirma Aduino Felipe Junior, graduando em Engenharia Agrônômica, que faz parte da Atlética de Araras.

Esse é, justamente, o caso de William Yoshizumi, aluno do curso de Engenharia Civil no Campus São Carlos e praticante de atletismo desde os seis anos de idade. Ao ingressar na Universidade, o estudante logo procurou a Atlética para dar continuidade aos seus treinos. Hoje, já tem mais de seis anos de participação como atleta da Associação e conquistas marcantes: “Ganhei quatro medalhas em competições internacionais. Em 2014, fui para a Bolívia representar o Brasil em uma espécie de pan-americano para descendentes de japoneses. Venci a prova do salto triplo e fiquei

em segundo no salto em altura. Na mesma competição, em 2016, que aconteceu no México, fui campeão nas provas de salto em altura e salto triplo. Também terminei o ano de 2010 com a 11ª melhor marca do Brasil no salto em distância e salto em altura na minha categoria”, comemora ele.

Hoje, William treina cerca de duas vezes por semana e, apesar das ótimas conquistas, foca em terminar seus estudos. “Ainda sigo treinando como posso e participando de competições universitárias. E, como forma de agradecimento a tudo o que o esporte me proporcionou, tenho como objetivo sempre tentar trazer mais pessoas para esse tipo de atividade, mostrar os benefícios físicos, psicológicos e o bem-estar que a prática esportiva proporciona”, afirma William.

Para aqueles que ainda não se encontraram em um esporte, William dá a dica: “A Atlética do Campus São Carlos oferece mais de 20 modalidades esportivas, desde as mais tradicionais até as menos conhecidas. Se alguém não teve vontade de praticar essas mais tradicionais, com certeza tem alguma em que vai se encaixar e gostar. Hoje em dia, o esporte é universal, não é preciso ter um biotipo padrão para ser bom. Qualquer um consegue se destacar; só é preciso gostar do que faz e não desistir”, aconselha. Alguém se aventura?

Estímulo a ações sociais

E não é só de incentivo ao esporte e eventos de integração social que vivem as Atléticas da UFSCar. Ao longo de todo o ano, as associações promovem campanhas solidárias com arrecadação de agasalhos, alimentos, materiais de higiene e brinquedos às comunidades de baixa renda. “Nós também temos como um de nossos princípios ajudar o próximo, principalmente os

mais necessitados”, destaca Iago Hassuike, aluno do curso de Matemática e integrante da Atlética do Campus Sorocaba.

No Campus São Carlos, a Atlética organiza campanha de doação de mechas de cabelos, que vão para pessoas com câncer do Hospital Amaral Carvalho, de Jaú. “A cada ano temos um impacto maior; é uma grande mobilização e que se estende, inclusive, até a cidade”, ressalta Aline Lourenço, da Atlética do Campus São Carlos. Também se destacam, no Campus São Carlos, as aulas de defesa pessoal para mulheres; ações de acolhimen-

“O sedentarismo entre alunos de graduação e pós-graduação é algo alarmante e a preocupação excessiva com os estudos faz com que, muitas vezes, eles deixem de lado a própria saúde”

to em parceria com profissionais da área da Saúde; campanhas de conscientização para as torcidas; além de iniciativas contra o preconceito, homofobia e assédio. E há um projeto de tornar a Atlética mais presente em escolas públicas da cidade. “Queremos levar nossos atletas para ensinar as crianças alguma modalidade, para aproximar o contato delas com o esporte”, adianta Vinicius Batista, aluno de Gestão e Análise Ambiental e membro da Associação em São Carlos.



Treino de basquete no
Campus São Carlos

Na opinião de Felipe Junior, da Atlética de Araras, as atividades sociais trazem extremo crescimento pessoal aos envolvidos. “Os ensinamentos adquiridos dentro da Atlética podem ser levados para a vida toda. Aprendemos a negociar, lidar com pessoas e, sobretudo, ajudar o próximo. Com as ações sociais, enxergamos a vida a partir dos olhos de outras pessoas, que enfrentam uma rotina totalmente diferente da nossa. Isso nos ajuda a sair da zona de conforto e a explorar a nossa solidariedade”, conclui.

Um universo de possibilidades

Para dar conta da gestão dos times nas várias modalidades esportivas, os integrantes das Atléticas investem no planejamento. “Nós damos todo o suporte para que os times se organizem. Distribuimos os horários de treinamento, para não haver conflitos, e oferecemos os equipamentos”, conta Aline Lourenço. De acordo com ela, os treinos são sempre gratuitos e organizados sob demanda. “Por meio da promoção de eventos e da venda de produtos, a Atlética

arrecada dinheiro para compra de materiais. Recentemente, nós compramos bolas, trações, redes e novos uniformes, o que viabiliza os treinos e a participação em competições”, diz ela.

Considerando a multiplicidade de ações que precisam ser desenvolvidas tanto pelos gestores das associações quanto pelos esportistas, para os alunos, o ingresso em uma Atlética, seja na equipe administrativa, seja como atleta,

representa a abertura de novos universos. “A Atlética nos traz uma vivência única. Aqui, a gente busca ouvir o outro e descobre novas paixões. Eu, por exemplo, nunca soube que era boa com eventos. Ao ingressar na Atlética, comecei a me engajar nessa área e perceber que é isso que quero fazer para o resto da minha vida. A Associação me abriu caminhos que jamais pensei em seguir sem essa vivência prática que tenho hoje”, afirma Aline.



Atenção aos
detalhes técnicos,
durante os treinos

ATLÉTICAS UFSCAR

SÃO CARLOS

Destaque: 35 vezes campeã da Taça Universitária de São Carlos (Tusca)

Ano de fundação: 1999

Número aproximado de integrantes da Atlética: 60

Número aproximado de atletas: 500

Modalidades esportivas: Atletismo, beisebol, basquete, cheerleading, e-sports, futebol, futebol americano, futsal, handebol, jiu-jitsu, judô, karatê, natação, polo aquático, rugby, softbol, taekwondo, tênis, tênis de mesa, vôlei, vôlei de areia, xadrez (além da Bateria, que acompanha os atletas nas competições esportivas)

Quero ser atleta. Como faço? Procure a Atlética pessoalmente (localizada na área Sul do Campus São Carlos, próxima ao Palquinho) ou pela página do Facebook, em facebook.com/AAAUFSCar

Quero fazer parte da equipe da Atlética. Como faço? Via processo seletivo, composto por preenchimento de questionário, dinâmica e entrevistas, e que acontece no início de cada ano. As informações são divulgadas em facebook.com/AAAUFSCar

Mais informações: facebook.com/AAAUFSCar

ARARAS

Ano de fundação: 2012

Número aproximado de integrantes da Atlética: 18

Número aproximado de atletas: 70

Modalidades esportivas: Basquete, futebol, handebol e vôlei

Quero ser atleta. Como faço? Procure a Atlética pessoalmente ou pela página do Facebook, em facebook.com/atleticca

Quero fazer parte da equipe da Atlética. Como faço? Entrar em contato com a equipe por meio da página do Facebook, em facebook.com/atleticca

Mais informações: facebook.com/atleticca

SOROCABA

Ano de fundação: 2006

Número aproximado de integrantes da Atlética: 34

Número aproximado de atletas: 120

Modalidades esportivas: Basquete, futsal, handebol, jiu-jitsu, jogos eletrônicos, natação, tênis de mesa, vôlei, xadrez

Quero ser atleta. Como faço? Procure a Atlética pessoalmente ou pela página do Facebook, em facebook.com/atleticaufscarsorocaba

Quero fazer parte da equipe da Atlética. Como faço? Via processo seletivo. As informações são divulgadas em facebook.com/atleticaufscarsorocaba

Mais informações: facebook.com/atleticaufscarsorocaba

LAGOA DO SINO

Ano de fundação: 2014

Número aproximado de integrantes da Atlética: 24

Número aproximado de atletas: 80

Modalidades esportivas: Atletismo, basquete, cheerleading, futebol de campo, futsal, handebol e vôlei

Quero ser atleta. Como faço? Procure a Atlética pessoalmente ou pela página do Facebook, em facebook.com/atleticalagoadosino

Quero fazer parte da equipe da Atlética. Como faço? Via processo seletivo. As informações são divulgadas em facebook.com/atleticalagoadosino

Mais informações: facebook.com/atleticalagoadosino

Integrar uma Atlética também é uma forma de conhecer gente nova e constituir grupos repletos de pluralidade, que têm uma paixão em comum – a própria Universidade. Vinicius Batista se emociona ao descrever esse sentimento: “As pessoas entram na Atlética, obviamente, por gostar do esporte, mas acabam descobrindo um amor muito maior pela Universidade e esse é um sentimento generalizado – dos gestores, dos atletas, da torcida, da bateria. Nós nos engajamos com o esporte, com as ações sociais e com as competições para demonstrar o orgulho de estar aqui, dentro da UFSCar. O sentimento de fazer parte desta grande família é indescritível!” 



Mais conteúdo

GINCANA DA ATLÉTICA



<https://bit.ly/2EeNKHO>

UFSCAR CAMPEÃ - TUSCA 2017



<https://bit.ly/2EcYvKD>

RUGBY



<https://bit.ly/2C1Wlvi>

BATERIA UFSCAR



<https://bit.ly/2zTkD9N>

De flor em flor

Pesquisadoras da UFSCar explicam a importância das abelhas para o ecossistema e sugerem novos caminhos para preservá-las na natureza

 Adriana Arruda  FCM - Cristiano Menezes



As abelhas são os únicos insetos produtores de um alimento muito consumido pelos seres humanos: o mel, que oferece substâncias importantes para a saúde, como vitaminas e minerais. No entanto, a função delas vai muito além: as abelhas são responsáveis por cerca de 70% da polinização - o transporte de pólen de uma flor para outra, realizando a fecundação de diferentes espécies vegetais e permitindo o desenvolvimento de sementes e frutos. As abelhas são, portanto, imprescindíveis para algumas produções, como a da maçã, do maracujá e do

melão. “Sem a polinização, essas frutas simplesmente deixariam de existir”, afirma a professora Roberta Nocelli, do Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação (DCNME-Ar) do Campus Araras da UFSCar. Esses insetos são também benéficos, por exemplo, para a produção da soja. “Com o trabalho das abelhas, a produtividade da soja aumenta em aproximadamente 20%. Que produtor não gostaria de um aumento desses sem gasto nenhum?”, questiona Nocelli. Assim, já que não restam dúvidas sobre a importância das abelhas para o ecossistema; é preciso preservá-las!

A realidade, no entanto, preocupa. A cada ano, as abelhas estão perdendo mais espaço no Planeta

– muitas espécies, inclusive brasileiras, já se encontram em listas de extinção. Hoje, o Brasil é o país mais biodiverso em espécies de abelhas – há cerca de 3 mil catalogadas, com expectativa total de 5 mil entre solitárias e sociais. Nocelli explica que as abelhas solitárias são maioria, cerca de 2.500 espécies. “Elas também coletam pólen e néctar, mas não mantêm a estrutura das abelhas sociais [aproximadamente 500 espécies], que vivem em colônia, com a rainha e as operárias e, assim, produzem o mel”, detalha a pesquisadora.

Apesar da ampla diversidade de espécies no País, as abelhas sofrem com a intervenção humana na natureza. De acordo com Nocelli, a taxa de mortalidade das abelhas tem au-



Shutterstock

mentado no Brasil, principalmente, por três motivos: padronização da paisagem, desmatamento e uso de agrotóxicos. “Nossos desafios relacionados às abelhas são bem diferentes dos problemas enfrentados por outros países. Aqui, devido à padronização da paisagem – a plantação de grandes monoculturas, como as de soja e de cana –, as abelhas ficam sem recursos nutricionais e sem abrigo, e não conseguem nidificar [construir ninho]. Ou seja, regiões com apenas um tipo de vegetação desfavorecem a sobrevivência de insetos como as abelhas, que dependem de áreas de mata, cada vez mais escassas no País”, explica ela.

A professora Elaine Cristina Zaccarin, do Departamento de Biolo-

gia (DBio-So) do Campus Sorocaba da UFSCar, reforça a ideia de que o desmatamento da vegetação natural também contribui para o aumento da taxa de mortalidade das abelhas. “Esse desmatamento conduz à fragmentação do habitat desses insetos, além de diminuir a quantidade e a diversidade dos recursos florais que eles utilizam como alimento. Com essa limitação, as abelhas passam a nidificar e forragear [procurar alimentos] no entorno de plantações agrícolas, o que aumenta o seu contato com áreas que possuem a aplicação de agrotóxicos”, alerta a pesquisadora.

O terceiro agravante para a contaminação ou morte das abelhas é o uso abusivo de agrotóxicos. “Os agrotóxicos neurotóxicos afetam a



Abelha Uruçu



A PRESERVAÇÃO DAS ABELHAS NO ECOSISTEMA BRASILEIRO

Apesar de a preservação das abelhas ainda ser um processo em discussão, existem ações que já podem e devem ser praticadas por produtores rurais, apicultores, pesquisadores e por toda a sociedade:

- Conscientização de todos os cidadãos sobre a importância das abelhas ao ecossistema;
- Diálogo entre apicultor e agricultor;
- Entendimento e adoção do Manejo Integrado de Pragas (MIP);
- Disseminação do conhecimento e de informações sobre o MIP e sobre a importância das abelhas, inclusive para grandes plantações;
- Utilização de agrotóxicos de maneira correta, consciente e somente quando necessário.

capacidade de voo das abelhas e, conseqüentemente, impactam negativamente os serviços de polinização. Como as abelhas dependem de sua capacidade de voar para coletar alimento e polinizar flores, fica clara a relação entre o impacto dos agrotóxicos no processo de polinização”, afirma Zacarin.

Embora grave, de acordo com as pesquisadoras, o problema com os agrotóxicos pode ser minimizado. Para Nocelli, o primeiro passo é fazer com que os produtores rurais tenham consciência da importância de realizar o controle de pragas a partir de um manejo integrado. O conceito de Manejo Integrado de Pragas (MIP), instituído na década de 1960, prevê o controle de pragas agrícolas com a integração de diferentes ferramentas, como produtos químicos, agentes biológicos, extratos vegetais, feromônios, variedades de plantas mais resistentes, dentre outras. Esses elementos, se utilizados de maneira planejada e

harmônica, trazem bons resultados sem agredir o meio ambiente.

“Além disso, é necessária a aplicação correta de agrotóxicos, somente quando necessário e, sobretudo, utilizando aqueles considerados menos nocivos ao ambiente. A aplicação de agrotóxicos

“Os corredores ecológicos servem para emendar áreas de matas e contribuem para que as abelhas permaneçam longe das plantações.”

também não deve ser feita, por exemplo, em épocas de florada, porque pode acabar com os serviços ecossistêmicos de polinização, feitos de forma gratuita pelos insetos”, reforça a docente do Campus Araras. Nesse sentido, o uso racio-

nal de agrotóxicos consiste em uma solução que diminuiria o impacto negativo sobre as abelhas. Outra possibilidade é a construção de corredores ecológicos em regiões de muitas plantações. “Nós precisamos de mais matas para esses insetos, pois isso evitaria que eles forrageassem nas áreas agrícolas e tomassem contato com os agrotóxicos. Os corredores ecológicos servem para emendar áreas de matas e contribuem para que as abelhas permaneçam longe das plantações”, explica Nocelli.

Também segundo as professoras da UFSCar, essas ações devem ser acompanhadas de um forte trabalho educacional que aumente a consciência das pessoas sobre a importância da preservação do meio ambiente e do respeito à legislação ambiental vigente.

Espécies brasileiras: um exame de descobertas

A professora Roberta Nocelli explica que, embora a espécie de abelha mais conhecida pela população seja a *Apis mellifera* (a abelha-de-mel), ela não é brasileira. “É o resultado da mistura de subespécies europeias introduzidas no Brasil junto com os imigrantes italianos e alemães, no século XIX, para a produção de mel, e uma subespécie africana introduzida na década de 1960 para manejo e seleção genética. No entanto, antes disso o País já contava com espécies nativas, várias criadas por índios, mas que apareciam em menor quantidade”, relata ela.

Em suas pesquisas – laboratoriais e de semicampo – no Campus Araras da UFSCar, a pesquisadora conta com seis espécies de abelhas sociais, todas brasileiras: mandagari (*Scaptotrigona postica*), jataí (*Tetragonisca angustula*), mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*), marmelada (*Friesiomelitta varia*), iraiá (*Nannotrigona testaceicornis*) e uruçú nordestina (*Melipona scutellaris*). “Elas nos auxiliam em experimentos e testes sobre a toxicidade de agrotóxicos, feitos com diferentes moléculas e espécies. Por meio de marcadores de toxicidade, biologia celular e microscopia eletrônica, nós avaliamos



Professora Roberta Nocelli em trabalho de campo no Campus Araras

Beatriz Rezende



taxas de mortalidade e o comportamento das abelhas quando expostas aos agrotóxicos. Esses testes são importantes para conhecermos o padrão de comportamento das espécies e para incorporar cuidados condizentes com suas características, algo imprescindível para sua preservação no ecossistema”, diz Nocelli.

Segundo ela, os estudos sobre as particularidades das abelhas brasileiras vêm ganhando notoriedade mundial desde 2010, processo relativamente recente. “Todos os protocolos existentes no mundo para fazer testes de agrotóxicos em abelhas são realizados com a *Apis mellifera*, algo que não necessariamente pode ser eficaz como representante das abelhas do Brasil. Começamos, então, a refletir sobre isso: ‘como podemos adotar um protocolo com uma abelha que não é nossa?’. É preciso, agora, focar em espécies

brasileiras e pensar em suas particularidades e necessidades específicas de conservação”, destaca a professora do Campus Araras.

Nesse sentido, agências de fomento e órgãos de pesquisa já se preocupam com o tema e têm lançado editais com o intuito de preencher as lacunas de pesquisas sobre as abelhas brasileiras. “Sabemos que é preciso manter a produção de alimentos e aumentar a conservação ambiental, bem como criar novas formas de manejo da produção da área agrícola. Considero que, hoje, estamos em um período de transição, buscando um menor impacto ao meio ambiente, e acredito ser possível reverter parte do que já foi destruído pela agricultura conservacionista. Mas, para isso, precisamos avançar em estudos, debates e, sobretudo, na disseminação do conhecimento a todos”, conclui Nocelli. 



Professora Roberta Nocelli mostra peculiaridades de espécie de abelha brasileira

SAIBA MAIS

Confira, abaixo, alguns links sobre a importância das abelhas ao ecossistema e sobre a utilização responsável de produtos no meio ambiente:

Site sobre Manejo Integrado de Pragas (MIP):



<https://bit.ly/2z3rL3e>

Manual de avaliação de risco ambiental de agrotóxicos para abelhas (Ibama):



<https://bit.ly/2OCCGFS>

Artigo sobre as peculiaridades de abelhas brasileiras – “Enfraquecimento e perda de colônias de abelhas no Brasil: há casos de CCD?”:



<https://bit.ly/2Didp1x>



*Integrante do Ouroboros,
com a missão de ensinar
e divertir*

Ciência, arte e paixão

***Ouroboros utiliza
teatro, música e circo
para divulgação
científica e inclusão***

 **Fabrizio Mazocco**
 **Acervo Ouroboros, Fabrizio
Mazocco e Beatriz Rezende**

A receita parece ser simples, mas não é. Pegue a Ciência, em seu estado puro, misture com pitadas generosas de arte. Mexa bastante e acrescente grandes porções de paixão. Quando for servir, abuse na quantidade. Foi com essa ideia que surgiu o Núcleo Ouroboros de Divulgação Científica, um projeto de extensão do Departamento de Química (DQ) da UFSCar que realiza atividades lúdicas voltadas aos mais diversos

públicos, levando o conhecimento científico a lugares como praças públicas, pátios de escolas e teatros. Afinal, cientistas e artistas devem ir onde o povo está!

A paulistana Karina Lupetti mudou-se para São Carlos, em 1994, para cursar Química na UFSCar. No ano seguinte, já certa que queria ampliar suas atividades no âmbito acadêmico, entrou para o Programa de Educação Tutorial (PET) da Química, que havia sido implantado na Universidade em 1988. Além das fórmulas químicas, dos compostos, dos ácidos e bases, Lupetti passou

a se ver em meio a eventos e materiais de divulgação científica. E, em parceria com o PET da Biologia, surgiu a ideia de fazer uma peça teatral sobre a história da Ciência. Do grupo responsável pelo espetáculo, a estudante de Química era a única a nunca ter pisado em um palco antes. Bastaram alguns ensaios, inclusive durante a madrugada, para que ela perdesse o medo e mergulhasse nas artes cênicas. A paixão foi tanta que, mesmo após ter encerrado a graduação, Karina continuou na direção teatral do grupo.

Enquanto isso, na cidade de

Araraquara, estudantes de Química da Universidade Estadual Paulista (Unesp) decidiam criar o Alquimia, voltado à divulgação da Química por meio do teatro. Entre seus integrantes estava a professora Clélia Mara de Paula Marques, do DQ da UFSCar. No ano de 2005, em um encontro com Karina, que na época já fazia pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP, campus em São Carlos) a professora Clélia propôs que elas montassem na UFSCar um grupo de teatro, semelhante ao Alquimia. Proposta acei-

2005. Nos corredores do DQ, correu a informação que estava sendo montado um projeto de divulgação científica e ela ficou interessada. "A proposta me chamou muito a atenção, pois envolvia uma forma diferenciada de ensinar e de levar um pouco de Ciência para diferentes públicos, além da sala de aula". E assim o grupo foi angariando novos membros.

Em uma das reuniões do grupo, Lupetti surgiu com um vídeo do professor de Química Bassam Shakhashiri apresentando alguns

e muita química, não só entre os atores, mas nos efeitos especiais promovidos pelas reações entre diferentes substâncias.

Sucesso de público, que lotou o Teatro. O próximo passo foi pensar uma nova peça. Uma não; três. Em 2006, ano em que o grupo foi registrado como projeto de extensão "Ouroboros: entretenimento e informação", estrearam três espetáculos: "Magia versus Ciência", "O Químico e o Monstro" e "A Cozinha de Morgana", este último voltado ao público infantil. "Estar inserida em um pro-



ta. Assim foi criado o Ouroboros. O nome vem do grego e significa "aquela que devora a própria cauda" - o símbolo, inclusive, é uma cobra engolindo a própria cauda, representando o ciclo da evolução, movimento e retorno. Na Química, o pesquisador Friedrich August Kekulé Von Stradomitz, um dos pioneiros da Química Orgânica, sonhou com o símbolo Ouroboros, que o levou ao desenvolvimento da estrutura do benzeno.

Lilian Martelli estava no segundo ano da graduação em Química, em

experimentos, em formato de show. A ideia foi bem recebida. Mas a proposta era ir além: transformar químicos em atores e explorar experimentos como efeitos de um espetáculo. E qual seria a história? Que tal uma inspirada na Idade Média, com fadas, bruxas, lutas, cavalheiros medievais e poções mágicas? Nascia a primeira peça do Ouroboros - "Além da Lenda" - que estreou no palco do Teatro Universitário Florestan Fernandes da UFSCar, em outubro de 2005, com cerca de 17 pessoas no palco

jeto como o Ouroboros possibilitou participar de inúmeras frentes. E foi essa versatilidade que fez com que esses anos no grupo permitissem um aprendizado sem fim; aposto que para todos os demais integrantes também. Nossa participação não era restrita ao palco. Não começava nos ensaios...vinha muito antes! Iniciava no preparo do enredo, no estudo do figurino e cenário, na busca por reagentes, nos testes. Seguiu nas apresentações e na alegria de acompanhar olhares curiosos da plateia", recorda Lilian.



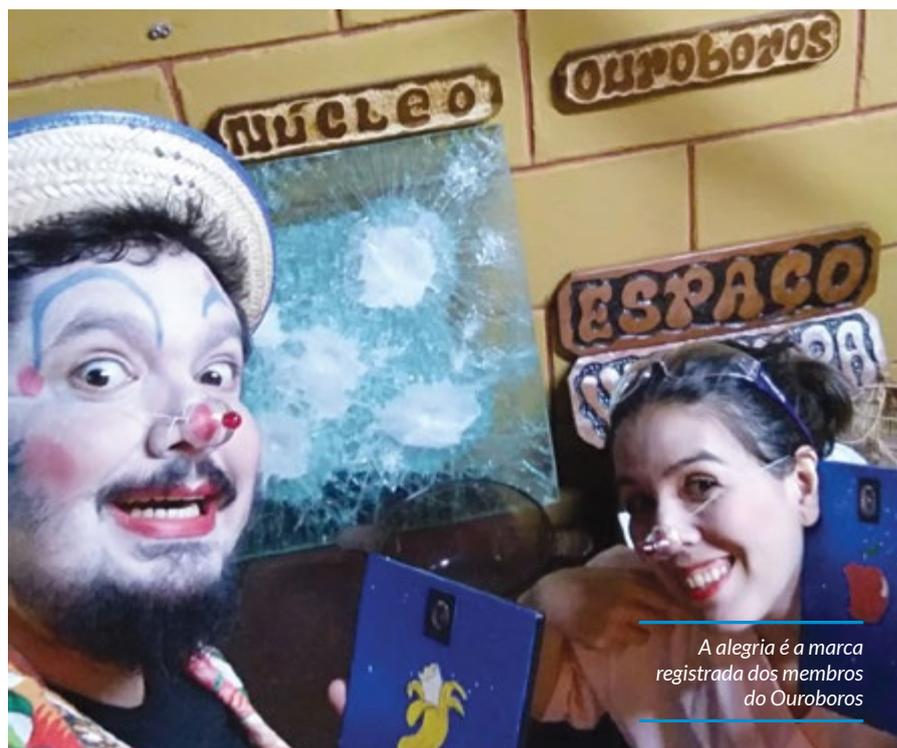
Ademir Aparecido Sertori, mestre vidreiro da UFSCar

A empolgação com os resultados fez Karina pesquisar se havia outros grupos espalhados pelo Brasil, com propostas semelhantes a do Ouroboros. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Ceará (UFC), Pontifícia Universidade Católica (PUC) e USP foram algumas encontradas. Que tal trocar experiências? Surge, então, o Festival Ciência em Cena, reunindo todos esses grupos em atividades conjuntas como oficinas, mesas-redondas, circo, música, além, é claro, do teatro. Criado em 2007, o Festival continua acontecendo anualmente e conta também com grupos de Portugal e Espanha.

As experiências trocadas no Ciência em Cena abriram o leque de expressões artísticas e culturais trabalhadas pelo Ouroboros, que foi ampliado para o programa de extensão Núcleo Ouroboros de Divulgação Científica. Nesse processo de expansão, uma atividade uniu Química e cozinha. Foi o “Química na cozinha e no meio ambiente”, realizado na Unidade de Atendimento à Criança (UAC) da UFSCar. No primeiro semestre, as crianças aprenderam, por meio do lúdico, como funciona a fermentação, como é feito o

pão, sobre o gosto dos alimentos e suas transformações etc. No segundo semestre, foi focado o meio ambiente, com ações sobre reciclagem e preservação. Dessa iniciativa, surgiram mais duas: “Cozinha da Morgana” e “Tesouro de Gaia”, que abordam os mesmos temas, porém a partir de histórias.

As artes visuais também entram no rol do Ouroboros. Além de exposição de desenhos e cartazes - feitos pelo estudante de Química e desenhista José Américo - que acompanhavam as peças de teatro, a chegada da também estudante de Química Adriana Yumi Iwata introduziu mais uma ferramenta ao grupo:



A alegria é a marca registrada dos membros do Ouroboros

ATIVIDADES DO OUROBOROS

o desenho mangá. Apaixonada por desenhar desde os 10 anos, Adriana propôs a divulgação científica por meio de mangás (histórias em quadrinhos de origem japonesa). Hoje, os mangás são utilizados na divulgação da ciência relacionada a materiais vítreos, tendo em vista a parceria do Ouroboros com o Centro de Pesquisa, Educação e Inovação em Vidros (CeRTEV), coordenado pelo professor Edgar Dutra Zanotto, do Departamento de Engenharia de Materiais (DEMa) da UFSCar.

Por sua vez, as peças de teatro foram se aprimorando cada vez mais. Muitas delas passaram a incorporar elementos da arte circense. “Como os nossos alunos-atores não estavam acostumados a esse tipo de prática, o circense Ricardo Fruque, diretor do grupo Estação do

“Quando falamos em circo, não imaginamos o quanto de ciência ele tem, como a cinematográfica e a biomecânica”

Circo, iniciou parceria para preparação do elenco. Quando falamos em circo, não imaginamos o quanto de Ciência ele tem, como a cinematográfica e a biomecânica”, destaca Karina. O Ouroboros, além de promover oficinas de circo, atualmente colabora com o “Circo da Ciência”, que tem o intuito de divulgar a Ciência de maneira acessível, lúdica e interativa despertando o interesse e a curiosidade de crianças e jovens dos ensinos Fundamental e Médio, que visitam a UFSCar. Ariel Lopes Rodrigues, aluno de graduação em Química, sempre está presente nas atividades do “Circo da Ciência” e em todas as outras iniciativas do Ouroboros. “Foi uma amiga que me convidou a participar. Praticamente, não tinha experiência nas artes cêni-

MÚSICA

Além da Lenda (2005)
 Magia X Ciência (2006)
 O Químico e o Monstro (2006)
 A Gênica Einstenia (2007)
 Lição de Botânica (2008)
 Teatro Na Escola - O Menino Que Quase Morreu Afogado no Lixo (2012)
 Além da Lenda (Remake) (2012)
 Magic X Science (2014)
 Madame Curie (2014)
 Oficina Ouroboros: Química Junina (2014)
 Teatro na Escola (Festival de Teatro - UAC 3, 4 e 5 Anos) (2014)
 Oficina Ouroboros: Panela Molecular (2015)
 Teatro Na Escola - As Aventuras do Pequeno Príncipe (2016)
 Oficina Ouroboros: Os Três Porquinhos (2016)
 Oficina Ouroboros: As Vozes da Tragédia (2017)
 A Era do Vidro (2018 - Estreia)
 Vidrolândia (2018 - Estreia)
 Ciência Que Ri (Remake) (2018 - Estreia)
 Sons Vítreos- Água (2018 - Estreia)

TEATRO INCLUSIVO - OLHARES

Um Novo Sentido (2009)
 A Verdade Semeada (2013 - Público Infantil)
 Petit Curie (2011)
 Lucis Est Vita: A Luz aos Olhos de Quem Não Vê (2015)
 Panela Molecular (2016)
 Monólogo Sustelnário (2016)
 Sons Vítreos (2016 - Música)
 Um Novo Sentido Da Ciência (2017)

PÚBLICO INFANTIL

A Cozinha da Morgana (2006)
 O Tesouro De Gaia (2008)
 A Linha e a Agulha (2008)
 Estava Escrito nas Estrelas (2009)
 Oficina Ouroboros: A Metamorfose (2010)
 As Aventuras de Pecos: Em Busca de um Mundo Sustentável (2013)
 Sai Zika! (2016)

TEATRO E CIRCO

O Castelo Bem Assombrado (2007)
 A Terra (2008)
 Galileu: Sidereus Nuncius (2009)
 E=MC² (Experimento = Movimento X Circo X Ciência) (2010)
 Ciência Que Ri (2011)
 Ciência e Arte (2014)
 Peter Q Pan (2016)

cas, mas o fato de poder aproximar a Ciência do público, por meio da arte, me cativou”, afirma ele.

Inclusão

Em 2009, o Ouroboros criou o projeto “Olhares”, a partir da ideia de inclusão e do desejo de levar Ciência e arte também a pessoas com deficiências. Para tanto, foram convidados os integrantes do Prover, um programa criado em 1997 e conduzido pela Biblioteca Comunitária (BCo) da UFSCar, que utiliza softwares específicos para facilitar o acesso de pessoas com deficiências visuais a todo tipo de informação, eliminando barreiras pedagógicas e

sociais. Seis deles passaram a frequentar o Ouroboros e a ter aulas de Química, Biologia e Matemática. Em 2009, propuseram a realização de uma peça sobre o cotidiano de pessoas cegas. O espetáculo “Um novo sentido” consistia em levar o público, com vendas nos olhos, a explorar os sentidos em diferentes estações, como cozinha do café da manhã, banheiro, quarto e caminhada. Ao final, uma dança de tango, com todos de olhos vendados. Em 2014, o Ouroboros firmou parceria com o CeRTEV que resultou nas exposições “Ciências e Artes Inclusivas” e “Mundo de Vidro”, entre outras iniciativas.

Em 2016, na montagem da peça “Peter Q Pan”, Karina pediu ajuda ao mestre vidreiro da UFSCar, Ademir Aparecido Sertori, para fazer uma flauta pan e o carrilhão de vidro que integrariam os adereços do espetáculo. Nascia aí uma nova parceria do Ouroboros. Neste mesmo ano, o Laboratório de Materiais Vítreos (LaMaV), sede do CeRTEV, completou 40 anos e a ideia foi fazer uma apresentação musical com os integrantes do projeto “Olhares” utilizando apenas instrumentos feitos de vidros. “Eu pego o instrumento real e reproduzo em um modelo de vidro. Em alguns casos, fica muito difícil reproduzir a forma original, assim tenho que fazer adaptações”, conta Ademir Sertori. Ele, que começou a trabalhar com vidros em 1976, na Oficina de Vidraria da UFSCar, diz que o mais complicado são os detalhes, justamente que fazem com que o instrumento funcione, como por exemplo o bocal da flauta doce – a primeira ele levou três dias para fazer. Em parceria com o luthier [profissional especializado na construção e no reparo de instrumentos] Marcel Abramo, alguns instrumentos são construídos e afinados em conjunto.

Para a apresentação em homenagem aos 40 anos do LaMaV, foi criado o espetáculo “Sons Vítreos”, no qual pessoas cegas ou com alguma deficiência visual, ao lado de outros músicos, executam em iafone, flautas e vários instrumentos de vidros, clássicos da música popular brasileira, como “Garota de Ipanema”, “Aquarela do Brasil” e “Asa Branca”. Além das canções, a proposta também é levar a ciência dos vidros para mais perto das pessoas.

Rose Roma, que perdeu a visão ao nascer, antes do Ouroboros havia feito aula de canto lírico. No “Sons Vítreos”, ela toca triângulo de vidro e canta. “Eu adoro o grupo ‘Olhares’ e desde o início sabia que ia ficar”, lembra a artista. Antonio Brambilla perdeu a visão aos 16 anos. Depois, começou a tocar violão, cavaquinho, acordeom e flauta, tudo de forma autodidata. “É uma satisfação pertencer ao grupo e fazer algo que



Estudante e professor da UFSCar integram o grupo que leva a Ciência para mais perto das pessoas

Projeto do Ouroboros
integra pessoas com
deficiências visuais



me dá prazer”, afirma o músico que, no espetáculo, toca acordeom. Joel Andrade nasceu com 5% da visão e toca caxixi: “Estar no Ouroboros é uma grande experiência; aprendo mais a cada dia”. Maxuel Souza Ferreira nasceu cego e sempre gostou de música; ele toca timba, ao lado de Ariel Rodrigues, no ialofone; de Isabel Amador, na percussão; e da própria Karina, no xequerê. Todos eles tiveram que tirar o passaporte pela primeira vez para se apresentar no dia 4 de abril deste ano, em Dunedin, na Nova Zelândia, na “Public Communication of Science and Technology Conference 2018” (PCST - Conferência de Divulgação da Ciência e Tecnologia). “Foi uma experiência única poder representar a música brasileira e a UFSCar”, afirma Brambilla.

E se engana quem pensa que os ingredientes da receita do Ouroboros já se esgotaram. “Nunca o grupo se fecha. Sempre estamos abertos para quem quer participar. Ao longo desses mais de 10 anos sempre houve um fluxo muito saudável de pessoas. E essa diversidade é a nossa riqueza”, conclui Karina Lupetti. 



Grupo se apresentou
na Nova Zelândia,
em 2018

Mais conteúdo

CIÊNCIA E ARTE



<https://bit.ly/2QJeJ4L>

VIDRARIA UFSCAR



<https://bit.ly/2zOse9G>



FEIRA EM FAMÍLIA

Projeto abre as portas do Campus Lagoa do Sino da UFSCar a produtores de alimentos da região

 Denise Britto  Tiago Santi

Uma feira está movimentando o comércio – e a vida – das pessoas em Campina do Monte Alegre, município com pouco mais de 5 mil habitantes, no Sudoeste Paulista, interior do Estado de São Paulo. É a Feira da Lagoa, organizada por alunos e professores do Campus Lagoa do Sino da UFSCar, e que reúne diversos agricultores da cidade. Esse espaço vai muito além da comercialização de produtos alimentícios típicos da região: na Feira da Lagoa, alunos e produtores trocam conhecimento, se ajudam mutuamente e chegam a estabelecer laços de amizade.

O projeto Feira da Lagoa nasceu em 2016, com o objetivo de ampliar a rede de comercialização junto aos agricultores familiares da região do

entorno do Campus. “O intuito é fazer uma integração, abrindo as portas da UFSCar para as pessoas que não conheciam o Campus Lagoa do Sino. São momentos de troca de experiências”, relata a professora Naja Brandão Santana, que idealizou a Feira, ao lado do professor Ângelo Luiz Fazani Cavallieri, do Centro de Ciências da Natureza (CCN).

“O principal objetivo era traba-

lhar dentro das linhas temáticas que o Campus Lagoa do Sino já segue: agricultura familiar e desenvolvimento do território”, explica Cavallieri. Junto ao Grupo de Comercialização com Segurança Alimentar (Comsal), que reúne alunos e professores dos cinco cursos de graduação do Campus Lagoa do Sino, o docente conduziu um diagnóstico do perfil dos produtores lo-





A produtora
Patrícia Alvarenga
de Albuquerque

cais e de suas necessidades. “Diagnosticamos que eles produziam muito alimento, mas não tinham canais para o escoamento da produção. Ao mesmo tempo, a comunidade da UFSCar, especialmente os alunos, se mostrava interessada em consumir produtos frescos, produzidos de uma maneira mais orgânica, mais simples. E esses dois grupos não dialogavam. Foi quando percebemos a importância de aproximá-los e trazer os produtores para dentro do Campus Lagoa do Sino”, conta o professor.

O produtor Sival Leite de Sousa é um exemplo: com dificuldade em comercializar seus produtos, viu na Feira da Lagoa uma oportunidade. “Ano passado, vendi mandioca, alface, couve, cheiro verde, abobrinha, repolho, beterraba, cenoura... A Feira nos ajuda porque não temos para quem vender a nossa mercadoria”, relata ele. Além de ter um canal para escoar a produção e divulgar seus produtos, o grupo Comsal propõe cursos de capacitação voltados a práticas de segurança alimentar, incluindo higiene e manipulação de alimentos. Com isso, os produtores conseguem agregar valor à sua produção. “Na primeira Feira da Lagoa, eu trouxe só mel. Mas eu comecei a ter visão de crescimento e trazer outros produtos. Daí eu fui agregando valor, fazendo pão de mel, geleias, doces, compotas de pimenta e de legumes”, conta Patrícia Alvarenga de Albuquerque. “Os estudantes mesmo vão dando ideias, a gente

vai atendendo os gostos deles e vai crescendo cada dia mais”, comemora Patrícia.

Alguns produtores participantes da Feira da Lagoa já ampliaram seu trabalho. Foi o que aconteceu com a própria Patrícia, que montou uma loja. “A ideia da feirinha foi ótima por-

que eu ficava em casa, não fazia nada. Foi na feirinha que eu tive a visão de abrir o meu próprio negócio. Hoje eu já tenho um ponto de venda na minha casa; os alunos também vão lá, daí já divulgam na cidade”, conta ela.

Outro exemplo de sucesso é o do produtor João Emílio de Almeida, que começou a vender na Feira da Lagoa e depois na cidade; com o aumento da demanda, abriu um sacolão em Campininha (como Campina do Monte Alegre é carinhosamente chamada pela comunidade local). “Eu produzia verdura no sítio e me convidaram para participar da feirinha: levava alface, beterraba, cenoura, chicória, rúcula, cheiro verde... A oportunidade foi uma alavanca. Já abri meu comércio vendendo o que produzo no sítio e, hoje, ainda tenho que buscar no Ceasa, porque a demanda aumentou e as pessoas querem produtos de qualidade”, diz João Emílio.



O comerciante João
Emílio de Almeida

A FEIRA EM NÚMEROS

SETEMBRO DE 2016 - primeira edição da Feira;

Atualmente, de **5 A 8 FAMÍLIAS** participam ;

A Feira é realizada a cada **15 DIAS**, no período letivo;

São **4 PROFESSORES** e cerca de **20 ALUNOS** envolvidos na organização.





A estudante Júlia Lima Nunes, com seu pai e seu irmão

De aluno a produtor

Com a cultura empreendedora fomentada pelo Campus Lagoa do Sino, alguns alunos já enxergaram uma oportunidade de montar sua própria empresa agrofamiliar. Durante a Avaliação Integradora, prevista nos cursos do Campus, a aluna da graduação em Engenharia de Ali-

e outros eventos culturais. “Queremos aproveitar o espaço da Feira da Lagoa para que as pessoas da comunidade venham contar histórias, contos e cantos, trazendo inclusive músicos da cidade, com atividades voltadas ao folclore regional”, planeja a professora Naja Santana, evidenciando em ações concretas o com-

Leandra Fernandes, aluna do curso de Administração da UFSCar que participa do Comsal. “Como eu sou de Ribeirão Grande e moro aqui na Campina do Monte Alegre, os produtores vieram como uma família: eles são meus pais, eles são meus avós, eles cuidam da gente aqui, a gente vai até a casa deles... Criamos um vínculo muito amoroso”, relata Aline, que está montando um curso para ensinar base de cálculo aos produtores para precificação de produtos.

“Nossa função é colaborar. Ajudamos a comercializar produtos - embalar e pesar, voltar o troco. Ações simples, mas que às vezes eles não sabiam. Também ensinamos processamento de alimentos e gestão do dinheiro”, explica Daniel Ferreira Junior, aluno do curso de Administração. “Os produtores,



O produtor Sival Leite de Sousa



O estudante Daniel Ferreira Júnior

mentos, Júlia Lima Nunes, se dedicou ao planejamento de uma empresa produtora de cogumelos. Para isso, buscou modelos de negócios e pensou: “Por que não instalar lá na Campininha?”. Assim, ela montou com seus familiares - pai e irmão - uma produção de cogumelos shiitake e shimeji. “A população brasileira ainda não tem tanto contato com esses alimentos, e é isso que estamos fazendo: popularizando o conhecimento sobre o poder nutricional desse produto. Com essa ideia sensacional da Feira da Lagoa, acredito que vá melhorar muito mais”, avalia o pai de Júlia, Olavio Loula Nunes.

Outra iniciativa do grupo Comsal, com o objetivo de aproximar as comunidades, foi a realização da Feira da Cultura do Interior, incluindo festas juninas, rodas de conversas

promisso da UFSCar em contribuir para o desenvolvimento da região.

“Como uma família”

A relação entre as pessoas da Universidade com a comunidade de agricultores foi muito além da comercialização e do empreendedorismo. Esse é o sentimento de Aline

para nós, são como se fossem da família. Eles vêm pra conversar, trocar ideia... A vivência é muito gostosa. Já fomos fazer janta um na casa do outro, já saímos juntos. Vira uma família. E abre uma oportunidade para eles conhecerem a Universidade, para eles estarem com a gente”, diz Daniel. ☺

PARTICIPE DA FEIRA

DIAS: Quinzenalmente, às terças-feiras

LOCAL: Ao lado do Restaurante Universitário do Campus Lagoa do Sino da UFSCar (Rod. Lauri Simões de Barros – SP-189, km 12, Bairro Aracaçu, Buri)

CONTATO: Professor Ângelo Cavallieri, pelo e-mail angelo.cavallieri@ufscar.br ou telefone (15) 3256-9059

OUTRAS INFORMAÇÕES: Página da Feira da Lagoa no Facebook - encurtador.com.br/fiQ18





www.residencialvilleneuve.com.br

Villeneuve

residencial



A REGIÃO QUE VOCÊ SEMPRE QUIS DO JEITO QUE VOCÊ PODE PAGAR

ENTRADA DE 10%
E ATÉ

240

MESES PARA PAGAR

LOTES A PARTIR DE

240M²

- ✓ PISCINA SEMIOLÍMPICA
- ✓ PISCINA INFANTIL
- ✓ FUTEBOL SOCIETY
- ✓ QUADRA POLIESPORTIVA
- ✓ QUADRA DE TÊNIS
- ✓ PERGOLADO
- ✓ REDÁRIO
- ✓ QUIOSQUE COM CHURRASQUEIRA
- ✓ BICICLETÁRIO
- ✓ PLAYGROUND
- ✓ SALÃO DE FESTAS COM ESPAÇO GOURMET
- ✓ BRINQUEDOTECA
- ✓ ACADEMIA
- ✓ SALÃO DE JOGOS

UM VERDADEIRO CONDOMÍNIO CLUBE COM VÁRIAS OPÇÕES DE LAZER

PLANTÃO DE VENDAS NO LOCAL



CONTINUAÇÃO DA RUA RAY WESLEY HERRICK



(16) 3373-1007

LUXOR
ENGENHARIA & CONSTRUÇÕES

RPS
engenharia

Villeneuve I - incorporação registrada na matrícula nº 156.871 no R.2 de São Carlos em 20/04/2018. Todas as imagens são meramente ilustrativas. As áreas comuns serão entregues sem mobiliário. A vegetação do paisagismo retratada na perspectiva é meramente ilustrativa. Na entrega do empreendimento essa vegetação pode apresentar diferenças de porte, tamanho e espécies. Todas as informações estão contidas no memorial descritivo. Procure um corretor cadastrado. Financiamento direto com a construtora em até 240 meses. Crédito sujeito a avaliação e aprovação.

A UNIDADE DE SAÚDE QUE É UMA ESCOLA

USE oferece atendimento gratuito à população e auxilia na formação de estudantes

 Gisele Bicaletto  Beatriz Rezende



USE presta assistência em saúde integral, qualificada, humanizada e gratuita

Criada há quase 14 anos, a Unidade Saúde Escola (USE) da UFSCar presta assistência em saúde integral, qualificada, humanizada e gratuita à população de São Carlos e micror-

região. Ao mesmo tempo, é uma unidade acadêmica e multidisciplinar que fomenta ações de ensino, pesquisa e extensão e um cenário de prática aos estudantes da Universidade. Assim, o ensino e a pesquisa acontecem de forma articulada com o cuidado aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os atendimentos na Unidade são feitos por profissionais, docentes e estudantes dos cursos da área de Saúde da UFSCar em sete Linhas de Cuidado - Cardiopulmonar e Doenças Metabólicas; Músculo-esquelética; Infância e Adolescência; Neurologia; Geriatria e Gerontologia; Práticas Integrativas

e Complementares; e Saúde Mental. No sistema público de saúde, a USE se configura como um ambulatório de média complexidade vinculado à Prefeitura Municipal de São Carlos e que também atende cidades da microrregião, como Ibaté, Descalvado, Dourado, Porto Ferreira e Ribeirão Bonito.

Desde o início de suas atividades, a USE já realizou mais de 206 mil atendimentos, mantendo um crescimento anual constante, como mostra o gráfico (na página 27). Para Patricia Magdalena, administradora da Unidade, o aumento dos atendimentos nos últimos anos é devido à ampliação da oferta de serviços. "Por exemplo, os ambulatórios médicos que foram implantados nos últimos anos resultaram em um aumento de 50% no número de atendimentos em 2017, em comparação ao ano de 2014. No mesmo período, os atendimentos das áreas de Psicologia e Serviço Social tiveram aumento de 100% e 300%, respectivamente, devido, entre outros fatores, à implantação do serviço de acolhimento aos usuários", enumera ela.

Ensino e pesquisa

Todo o tratamento realizado na USE, além de ser baseado em pesquisa, oferece possibilidade de formação a estudantes da área da Saúde. Hoje, a USE conta com o trabalho de 160 estagiários e 59 docentes. De acordo com Fernando Vasilceac, professor do Departamento de Gerontologia (DGERO) da UFSCar e Coordenador Executivo da Unidade, aliar o tratamento à pesquisa e ao ensino é um importante diferencial na USE por permitir uma abordagem mais ampla nos casos atendidos. "Essa combinação resulta em uma ampla avaliação dos casos e uma diversidade de opções de tratamento, o que favorece a resolução dos quadros, melhora significativa dos pacientes e uma abordagem humana e interdis-



Atendimento humanizado faz a diferença nos tratamentos

ciplinar", destaca Vasilceac.

Para Gabriel de Andrade e Souza, aluno do quinto ano do curso de Fisioterapia da UFSCar, que atendia o menino Apollo Rocitto (conheça a história dele no box "Histórias de Vida"), o estágio na USE representou um desafio e um aprendizado constantes. "Estar com um paciente 'real' te faz aprender muito mais do que uma aula teórica ou um livro. Essa

USE EM NÚMEROS

INFRAESTRUTURA

4.823 m² de área construída

4 blocos

12 ambulatórios (Ginecologia Endócrina; Cardiologia; Imunologia Pediátrica; Homeopatia; Interdisciplinar de Saúde Mental do Adulto; Dermatologia; Psicogeriatría e Gerontologia; Medicina Integral; Gastroenterologia Pediátrica; Nefrologia Pediátrica; e Neurologia Cognitivo-comportamental; e Integra-Rua)

74 salas de atendimento individual e em grupo

2 piscinas terapêuticas

1 auditório com capacidade para 70 pessoas

EQUIPE

29 técnico-administrativos

15 funcionários terceirizados

160 estagiários

59 docentes

“Essa combinação resulta em uma ampla avaliação dos casos e uma diversidade de opções de tratamento, o que favorece a resolução dos quadros, melhora significativa dos pacientes e uma abordagem humana e interdisciplinar”

prática nos ensina a lidar com problemas, situações e pessoas de verdade, que poderemos encontrar na nossa vida profissional futuramente. O aprendizado é diário e muito rico, cada paciente é único e cada sessão especial. Minha formação não teria metade do sentido e conteúdo se não houvesse o estágio aqui na USE”, afirma o estudante, que já encerrou suas atividades na Unidade.

No campo da pesquisa, o espaço da USE oferece organização e toda a infraestrutura básica necessária para a realização de estudos nas mais diversas áreas. “A USE tem um ambiente físico excelente e estrutura de base para pesquisa. Além disso, para os alunos, a prática da pesquisa juntamente com a assistência aos pacientes é benéfica e gera um círculo virtuoso de trabalho e conhecimento”, afirma o professor Francisco Vale, do Departamento de Medicina (DMed) da UFSCar, e Coordenador do grupo Serviço de Neurologia Cognitiva-Comportamental, que conta com a participação de alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado realizando estudos na USE, especificamente, junto a idosos portadores de Alzheimer.

“É uma via de mão dupla! A pes-



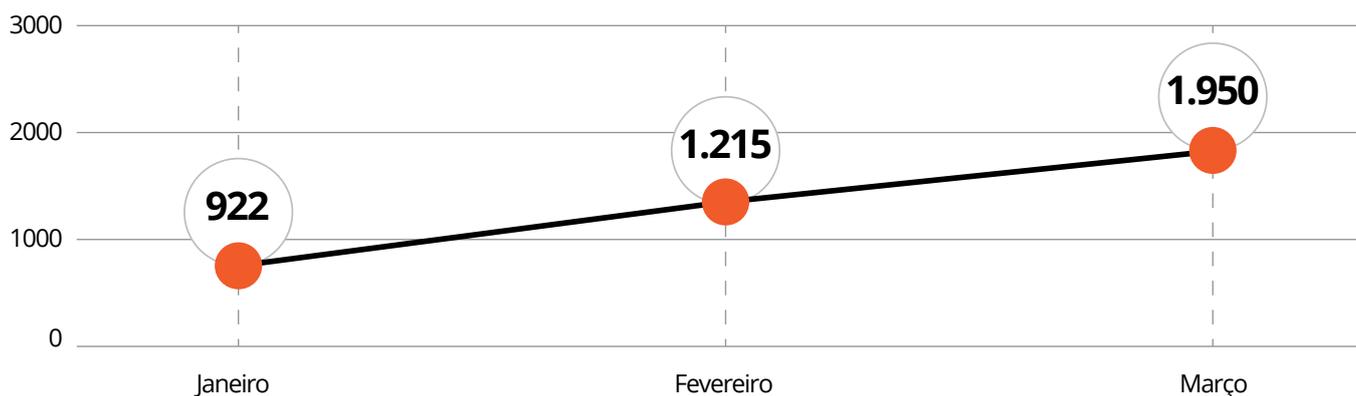
quisa auxilia fortemente o atendimento que realizamos porque nos faz estudar sempre sobre novos métodos e recursos e, principalmente, traz benefícios para os usuários já que procuramos sempre algo melhor que possa garantir a eles um atendimento de excelência. Por outro lado, os atendimentos que realizamos na USE nos permitem pesquisar pacientes de ‘verdade’, o que nos garante resultados mais adequados”, defende Estela Barbosa Ribeiro, gerontóloga e doutoranda em Ciências da Saúde pelo Programa

de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGEnf) da UFSCar.

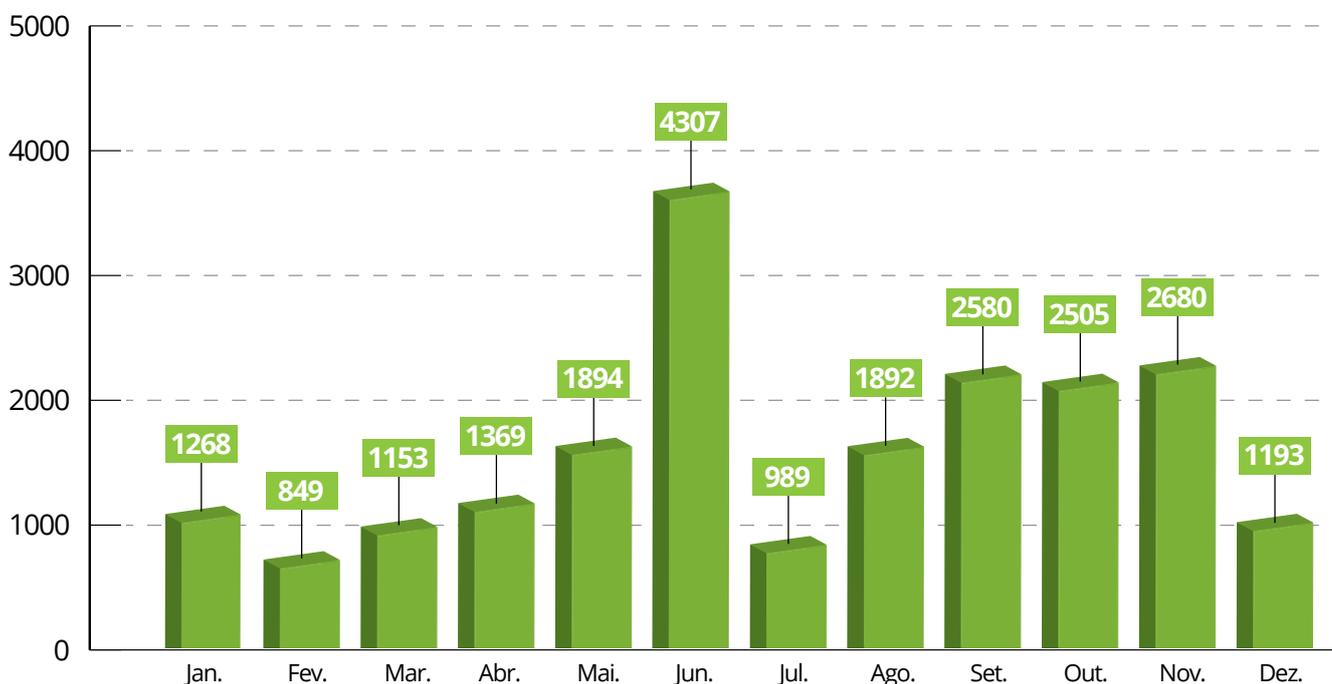
Cuidado integral

A maioria dos pacientes chega à USE acompanhada por familiares e em busca de um tratamento que possa aliviar dores físicas ou emocionais. Todos são encaminhados por alguma unidade da rede pública de Saúde, Assistência Social ou de Educação de São Carlos e microrregião, para tratar enfermidades, traumas e deficiências. Ao chegar na Unidade, os usuários se deparam com um

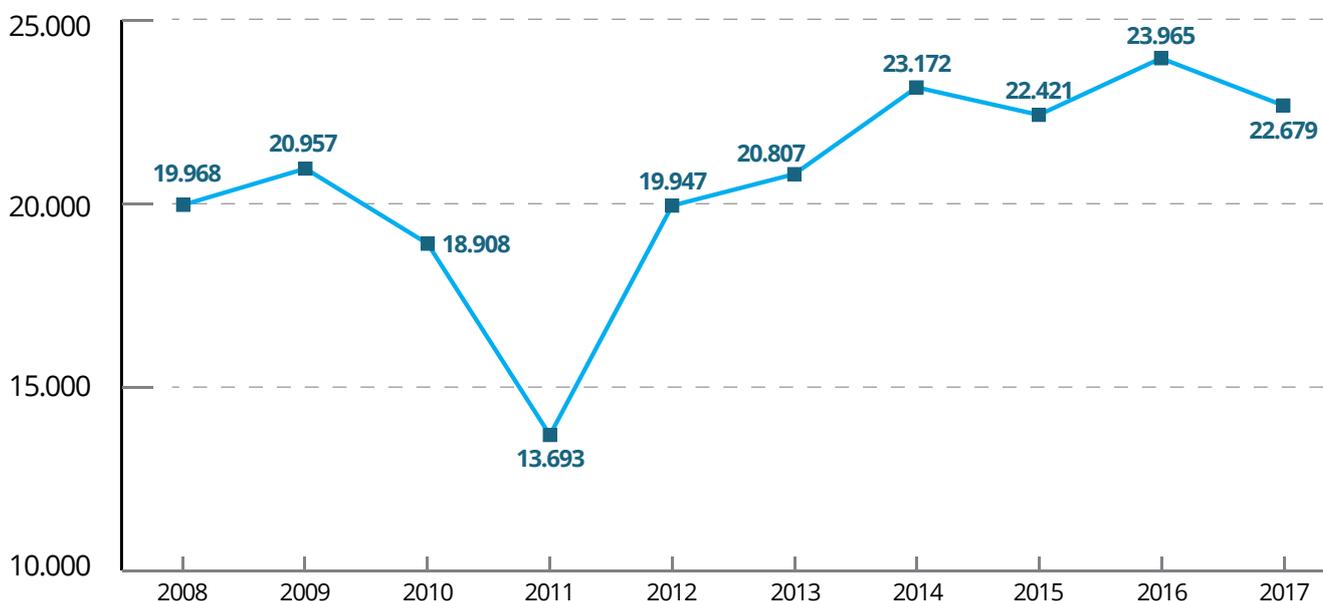
Atendimentos - Unidade Saúde Escola 2018



Atendimentos - Unidade Saúde Escola 2017



Série Histórica de Atendimentos da USE (2008 - 2017)



HISTÓRIAS DE VIDA

Apollo Bueno Rocitto tem oito anos e frequenta a USE desde um ano de idade. Ele é atendido nas áreas de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, na Linha de Cuidado em Infância e Adolescência. O garoto foi diagnosticado com paralisia cerebral aos quatro meses de vida.

Ana Paula Rocitto, mãe de Apollo, valoriza muito a possibilidade de poder participar do tratamento do seu filho a partir do diálogo aberto com a equipe. “Eles me ouvem, eu tenho liberdade de falar e posso participar do tratamento do meu filho”, diz, emocionada. “É sempre importante considerar a opinião da família, para além de orientá-la nos cuidados, a fim de estimular as potencialidades das crianças nos seus diferentes contextos”, considera Tássia Lopes de Azevedo, docente do Departamento de Terapia Ocupacional (DTO) da UFSCar e que participa dos cuidados ao Apollo.

Ana Carolina de Campos, professora do DFisio e que também atende a criança, explica que o plano terapêutico do menino é individualizado, assim como o de todos os outros pacientes, e que os objetivos e estratégias de atendimento são traçados por meio de discussão entre a equipe, visitas ao domicílio e à escola que Apollo frequenta. Inclusive, a equipe da USE foi importante no início da vida escolar do Apollo. “Meu filho frequenta uma escola regular e precisava, além de mais autonomia, se sentir próximo das outras crianças. Pedi ajuda e, tanto a equipe de Terapia

Ocupacional, como a de Fisioterapia focaram ações para alcançarmos esses objetivos”, diz a mãe.

Para Tássia de Azevedo, Apollo tem demonstrado avanços significativos, com mais autonomia em atividades da vida diária, como alimentação e escolha do vestuário.

“A maior vitória foi ver o Apollo conseguir ficar em posição para usar o andador. Alguns médicos tinham indicado que ele fosse para uma cadeira de rodas, mas eu não quis. Com o trabalho da USE, hoje ele usa o andador. Além disso, o carinho da equipe e a qualidade do tratamento fazem toda a diferença na vida dele”, finaliza Ana Paula Rocitto.



Apollo e sua mãe, Ana Paula

Andréa Regina Rossi Suzuki tem 44 anos e chegou à USE em fevereiro de 2018, com um quadro depressivo, acompanhada de seu esposo, Fábio Chaves Suzuki. “Na manhã em que ela chegou, eu estava no acolhimento e vi ali uma pessoa sofrida, que precisava de atenção”, relembra Isabel Frederico, assistente social da USE. Mesmo não havendo, naquele momento, uma linha de cuidado específica que pudesse atender a Andréa, Isabel avaliou que não era possível



Crispim Campos, Andréa Suzuki e Isabel Frederico

esperar e buscou a parceria de Crispim Antonio Campos, psicólogo e docente do Departamento de Medicina (DMed), que também desenvolve atividades na Unidade.

Assim, o plano terapêutico da paciente foi surgindo de acordo com as demandas que ela apresentava. “O começo foi com a terapia e, depois, identificamos a necessidade de um cuidado em Nutrologia, devido a um quadro de anorexia, então, acionamos o professor Washington [de Abreu Jesus, do DMed da UFSCar]”, descreve Campos.

A partir de todo tratamento, Andréa já reconhece avanços: “Antes da USE eu era muito pessimista, achava que morrer seria a melhor solução para tudo. Hoje, eu penso que viver vale a pena”. Para a assistente social e o psicólogo, o tratamento da usuária tem evoluído de forma tranquila e saudável, indicando que as ações planejadas seguem um caminho correto. Já Fábio, esposo de Andréa, acredita que a USE tem oferecido algo diferente para ela. “Nem quando passamos por atendimento particular ela foi atendida dessa maneira tão carinhosa e calorosa. A USE nos deu esperança e, em pouco tempo, minha esposa já está começando a planejar um futuro”, comemora ele.

José Bernardo Gomes tem 59 anos e há três é atendido na Unidade, após um grave acidente de bicicleta. Anna Carolyn Gianlorenço, docente do Departamento de Fisioterapia (DFisio) da UFSCar, atua na supervisão da Linha de Cuidado em Neurologia que cuida do paciente e conta que ele chegou à USE com quadro de tetraplegia, sem movimento de pernas e braços, úlceras de lesão, além de peso bastante abaixo do indicado para a sua estrutura corporal. Ela acredita que a atuação interprofissional da equipe da USE foi fundamental para o tratamento do José. “Não adiantava eu tratar simplesmente a lesão neurológica e a reabilitação física, sendo que o quadro dependia da Enfermagem, da Psicologia e do Serviço Social”, afirma ela.

Na área de Psicologia, José Bernardo precisou de apoio, para aceitar a sua condição após o acidente; também foram feitas visitas domiciliares com o objetivo de adequar o ambiente, para melhorar a movimentação dele em casa, e ofertado apoio

terapêutico para a irmã do paciente. Na Enfermagem, além do tratamento das úlceras na pele, Carla Sola, enfermeira da USE, observou a necessidade da intervenção nutricional e, por meio do Serviço Social da USE, foram conquistados direitos sociais básicos ao paciente, além da oportunidade para sua irmã e cuidadora, Marlene Gomes, de participar de um grupo de apoio que poderia auxiliá-la no resgate da sua própria vida, visto que ela deixou o emprego para dedicar-se integralmente ao irmão. “O cuidado é centrado no usuário e na sua família. Não há plano de cuidado desvinculado da realidade de vida do sujeito que atendemos”, afirma Juliana Menegussi, assistente social e Coordenadora Executiva da USE.

“Sou muito feliz na USE e gosto de tudo aqui. Eles [se referindo à equipe] me conhecem muito. Agradeço a Deus e a eles porque estou vivo. A USE é minha casa e todo mundo trata a gente bem”, afirma, emocionado, José Bernardo, que já recuperou boa parte dos movimentos.

atendimento integral, humanizado e que procura enxergá-los para além da enfermidade, ampliando o olhar para o seu contexto familiar, social, psicológico e emocional, em uma abordagem biopsicossocial.

Adriana Rocha, Diretora da Unidade, explica que todo usuário encaminhado à USE é acolhido em um processo de escuta qualificada e ampliada, por meio do qual é possível identificar as suas necessidades. A partir daí, a assistência terapêutica é realizada com base em práticas de pesquisa e ensino, utilizando-se do que há de mais atual em avaliação clínica e funcional. “Todas as avaliações são discutidas com os profissionais da Saúde e os tratamentos são embasados em evidências científicas que direcionam as tomadas de decisão da equipe. Isso faz com que o usuário crie vínculo de confiança com os profissionais e com a terapia proposta, aumentando sua motivação e adesão ao tratamento e facilitando seu processo de recuperação”, destaca a Diretora.

Para ela, outro diferencial da Unidade é o cuidado integral, a partir de serviços e ações interligados. “A equipe identifica as necessidades do paciente e de seus familiares, para além do problema que motivou seu encaminhamento à USE e, então, estratégias são adotadas para tentar melhorar sua qualidade de vida como um todo”, enfatiza.

No âmbito da integralidade, os cuidados na USE também são dedicados aos familiares e cuidadores dos pacientes. Um exemplo é o grupo terapêutico “Empoderando Mulheres”, que tem a participação de Marlene Gomes, irmã do José Bernardo Gomes (conheça a história dele no box “Histórias de Vida”). Ela participa da atividade enquanto o irmão está em atendimento na USE. O grupo promove apoio psicológico, rodas de conversa, exibição de vídeos,



José Bernardo e a professora Anna Carolyn

ENSINO E PESQUISA

Total de pesquisadores envolvidos

219 (professores e estudantes/estagiários)

PROJETOS

PESQUISA: 32 projetos

(**17** em curso e **15** em tramitação)

EXTENSÃO: 31 projetos

(**12** em curso e **19** em tramitação)

CURSOS DE GRADUAÇÃO

ENVOLVIDOS

Ciências Sociais

Educação Física

Enfermagem

Fisioterapia

Gerontologia

Medicina

Psicologia

Terapia Ocupacional

Sociologia

aulas de costura e bordado, e “oferece momentos de descanso, cuidado, diversão e lazer, como uma forma de recarregar as energias”, explica Alessandra de Araújo, psicóloga da USE e responsável pela iniciativa. “Depois que comecei no grupo minha cabeça é outra, me faz muito bem e eu aprendo muito”, garante Marlene.

Ana Paula Rocitto, mãe de Apollo (conheça a história dele no box “Histórias de Vida”) também

“A equipe identifica as necessidades do paciente e de seus familiares, para além do problema que motivou seu encaminhamento à USE”

aproveita as atividades do grupo “Mães saradas e boas de bico”, aberto para mães e cuidadores das crianças atendidas na USE. O grupo surgiu em 2017 e, semanalmente, enquanto os filhos estão em tratamento, elas participam de atividades físicas, orientadas por um aluno voluntário do curso de Educação Física da UFSCar, e de rodas de conversa com advogados, enfermeiras e terapeutas ocupacionais. “Esse grupo faz muita diferença na vida delas! É um momento para conversar, trocar experiências, bater papo. É um momento para tomar um fôlego no meio da correria e dos desafios do dia a dia”, diz Maria Tereza Ramalho, terapeuta ocupacional da USE, que coordena o grupo.

Para Roseli Bruno, mãe de Vinícius Bruno, que tem 16 anos e frequenta a USE desde os dois, o grupo é uma forma de recarregar as energias. “Aqui é uma válvula de escape. A vida da gente é para os filhos e quando chegamos aqui, ficamos à vontade por saber que eles estão sendo bem cuidados e aproveitamos para conhecer outras pessoas, fazer exercícios, aprender, dar risada”, afirma Roseli. 



*Adriana Rocha,
Diretora da USE*

Atividades na piscina ajudam na reabilitação de idosos



POSSO SER ATENDIDO NA USE?

Todo o atendimento da Unidade é realizado exclusivamente para pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), que devem ser encaminhados por uma das unidades da rede pública de Saúde, Educação ou de Assistência Social de São Carlos.

Os usuários são atendidos no Acolhimento e, posteriormente, encaminhados para as Linhas de Cuidados da USE ou para outros equipamentos de saúde do Município, quando a demanda não puder ser absorvida na Unidade. Todos os atendimentos são realizados com horário agendado para evitar filas e longas esperas, e as sessões têm duração média de uma hora.

Saiba mais sobre USE pelo site www.use.ufscar.br. Informações também pelo telefone (16) 3351-8645.

+ Mais conteúdo

ATENDIMENTOS USE



<http://bit.ly/2BaV83N>

ACOLHIMENTO USE RECEBE PRÊMIO



<http://bit.ly/2RONao4>

A ACADEMIA
+ PRÓXIMA
DA UFSCAR

MUSCULAÇÃO
+ GINÁSTICA
+ LUTA

PLANOS ESPECIAIS
PARA ESTUDANTES
E FUNCIONÁRIOS
DA UFSCAR!

TERRITÓRIO  FIT

16 3419-9174 | Av. Prof. Luiz Augusto de Oliveira, 375

 /academiaterritoriofit |  /academia_territoriofit

300m do Hospital Escola

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Referência na saúde de São Carlos em atendimentos de Pediatria e Saúde Mental

 Gisele Bicaletto  João Moura



Procedimentos no HU aliam a qualidade do cuidado ao paciente com a formação de futuros médicos

Prover assistência de qualidade em saúde e um cenário de prática de excelência para alunos da UFSCar. Essa é a missão principal do Hospital Universitário Prof. Dr. Horácio Carlos Panepucci (HU). Em 11 anos de trabalho, o Hospital da UFSCar provê atendimento gratuito de urgência e emergência, ambulatório especializado, além de internação e exames para pacien-

tes referenciados pela rede pública de Saúde de São Carlos. Em 2017, foram quase 24 mil atendimentos, cerca de 1,6 mil internações e 88 mil exames. Os principais diferenciais do HU em São Carlos são o atendimento pediátrico 24 horas, com assistência prestada exclusivamente por pediatras, e a unidade de internação da Saúde Mental - são oito leitos específicos -, que já se tornou uma referência regional nessa especialidade.

“A saúde na área pediátrica é

frágil e cuidar das crianças, além de uma necessidade social, é uma forma de criarmos adultos saudáveis”, defende Valéria Gabassa, Gerente de Atenção à Saúde do HU-UFSCar. Ela avalia que o Hospital se destaca nessa área não só por ter pediatras de plantão ininterruptamente, mas por contar com equipe qualificada e uma infraestrutura preparada para o atendimento infantil, com leitos e salas de urgência e emergência exclusivas, além de brinquedoteca e acompanhamento multiprofissional.

“Tentamos imprimir um cenário com o que há de melhor na prática da saúde e isso tem trazido importantes diferenciais à assistência que oferecemos.”

Também de acordo com Valéria Gabassa, a atuação em Saúde Mental foi encampada pelo HU a partir de uma indicação da Diretoria Regional de Saúde (DRS) de que São Carlos precisaria ter um hospital que absorvesse os atendimentos nessa área que foram reformulados a partir de 2012, pelo Ministério da Saúde, quando houve a extinção dos hospitais psiquiátricos. “Somos o primeiro hospital da região a ter leitos específicos para o tratamento psiquiátrico. Recebemos os pacientes, os tiramos do surto, promovemos o tratamento adequado e a sua reintegração social”, explica a Gerente.

Diana Alves Morais é moradora de São Carlos e sempre levou a filha Karollina, de quatro anos, para atendimentos no HU. Ela diz que nos primeiros atendimentos da filha, ainda quando bebê, havia demora, mas que as recentes melhorias no Hospital qualificaram muito a assistência. “Nas primeiras vezes que estive no HU com minha filha, esperamos muito e sentia que, em alguns casos, faltava atenção. Já nas últimas internações da Karol, foi tudo fantástico, nos deram muita atenção e um atendimento com vários profissionais”, atesta Diana. As melhorias sentidas pela mãe da Karollina são fruto de um conjunto de ações adotadas no HU a partir de 2014, quando o Hospital passou a ser administrado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). “Tentamos imprimir um cenário com o que há de melhor na prática da saúde e isso tem trazido importantes diferenciais à assistência que oferecemos”, destaca Valéria Gabassa.

INFRAESTRUTURA

8.614 m² de área construída

54 leitos de internação (**12** pediátricos, **8** na Saúde Mental, **32** para adultos, **2** de isolamento)

4 leitos de emergência (**2** pediátricos e **2** para adultos)

11 leitos de observação (**6** pediátricos e **5** para adultos)

12 consultórios no Ambulatório de Especialidades

10 salas de exames (Radio X, Ultrassom, Endoscopia, Mamografia, Eletrocardiograma/Eletrencefalograma)

3 salas de atendimentos

7 postos de Enfermagem

4 salas de utilidades/expurgo

5 salas de prescrição médica

Espaço ecumênico

Área de apoio técnico com Refeitório

Almoxarifado

Copa limpa e Copa suja

Lactário

Morgue (necrotério)

Descarte

Em dezembro de 2018, foram iniciadas as obras para construção de cinco salas do centro cirúrgico e 10 leitos de UTI.



Atividades na brinquedoteca do Hospital

Uma das frentes de ação adotadas pelo HU é a permanente capacitação da equipe profissional que, segundo a Gerente, já chega ao Hospital altamente qualificada. As capacitações são uma forma de estimular os profissionais que agregam mais conhecimento ao tra-

Oliveira, enfermeira do HU, que já participou de cinco cursos ofertados pelo Hospital. Outro exemplo de ação que se reflete em melhoria para o Hospital está na área da Farmácia, na qual foi instituído um protocolo detalhado de verificação sobre a prescrição dos medica-

ta, fisioterapeuta e psicólogo, que atuam em uma abordagem preventiva junto aos pacientes, em todo o processo da internação. São realizadas visitas multiprofissionais e discutidas as melhores condutas e estratégias de atendimento a cada paciente, ampliando os cuidados para além do motivo principal da internação. Essa ação multiprofissional, por exemplo, permitiu a redução do tempo de permanência dos pacientes hospitalizados. Com o tempo menor de internação dos pacientes, o Hospital passou de uma média mensal de 44 para 136 internações, mesmo antes do aumento do número de leitos em dezembro de 2017. “Isso é fruto da qualificação do pessoal, do cuidado integral e do trabalho multiprofissional. O paciente é visto como um todo e sua melhora é mais rápida”, garante Valéria Gabassa.

Considerando o atendimento multiprofissional ao público infantil, o HU dispõe de terapeuta ocupacional e pedagogo que acompanham as crianças na brinquedoteca. “Por meio de recursos lúdicos, as intervenções melhoram a receptividade das crianças à equipe e elas ficam mais tranquilas durante os procedimentos mais invasivos e dolorosos”, conta Daniel Dahdah, terapeuta ocupacional do HU. Ele também destaca que as crianças internadas passam por uma avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor e, se necessário, são feitos encaminhamentos e orientações à família. O apoio da Pedagogia está no escopo do projeto “Classe Hospitalar”, que oferece acompanhamento individual de uma profissional para as crianças que estão em idade escolar e, por causa da internação, não podem frequentar a sala de aula. O objetivo é manter o vínculo da criança com a escola por meio da apresentação de conteúdos compatíveis com sua faixa etária.

Ambulatório e ações externas

O HU tem parcerias estabeleci-

EQUIPE

Total de **277** profissionais:

15 integrantes da equipe gestora

45 médicos

70 profissionais assistenciais de nível superior

104 profissionais assistenciais de nível médio

42 profissionais da equipe administrativa

66 profissionais terceirizados

balho e, conseqüentemente, mais qualidade na assistência. “Todas as capacitações que já realizei no HU foram importantes e trouxeram subsídios para o aperfeiçoamento da minha prática profissional. Essa oportunidade de formação continuada qualifica o cuidado e promove transformações no trabalho em saúde”, relata Ana Izaura Basso de

mentos, que garante a segurança do paciente antes mesmo de receber o remédio.

A intervenção multiprofissional na Unidade de Internação do HU também já apresenta bons resultados. Desde o ano passado, o HU conta com uma equipe com diferentes profissionais, como terapeuta ocupacional, nutricionis-

ESPECIALIDADES DO AMBULATÓRIO

- Cardiologia;
- Nefrologia;
- Endocrinologia;
- Multidisciplinar em Diabetes, com atuação de endocrinologista, nutricionista e educador físico;
- Pré-operatório de avaliação cardiovascular;
- Neurologia;
- Hematologia;
- Pneumologia;
- Doença hepática;
- Gastroenterologia;
- Cirurgia Vascular;
- Fonoaudiologia.

das com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de São Carlos para desenvolver ações a partir do levantamento das principais necessidades de saúde da população. Um dos frutos dessa parceria é o Ambulatório de Especialidades do HU que oferece atendimento em 12 áreas diferentes. O número de consultas varia entre as especialidades, mas o total, neste ano, está em 960 consultas por mês. Os agendamentos das consultas são feitos pelo Complexo Regulador Municipal.

A partir de uma ação nacional da

rede Ebserh, o HU também realiza Mutirões de Saúde que oferecem exames, consultas e outros procedimentos, conforme as demandas apontadas pela SMS. Um dos mutirões foi realizado entre os dias 8 e 10 de novembro de 2017 e propôs a avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor de crianças entre 0 e 3 anos de idade residentes no distrito rural de Santa Eudóxia, em São Carlos. A ação avaliou 98 crianças e, dentre elas, 19 foram identificadas com necessidade de acompanhamento especial e en-

caminhadas para atendimentos no próprio HU e na Unidade Saúde Escola (USE) da UFSCar.

Ensino

Atualmente, o HU conta com a atuação de 82 estagiários e 31 docentes de diversos cursos da área de Saúde da UFSCar. Os alunos desenvolvem atividades práticas e estágios supervisionados, sempre acompanhados por professores e médicos preceptores. Para Flávia Pileggi, docente do Departamento de Medicina (DMed) da UFSCar e Gerente de Ensino e Pesquisa do Hospital, a prática do ensino no HU é importante não apenas para a formação do estudante, que está em processo de aprendizagem, mas também para a qualidade do atendimento realizado. "Esse modelo confere aos serviços prestados um maior grau de excelência por requerer que os procedimentos sejam sempre pautados nas melhores evidências", avalia Flávia Pileggi. Para o Diretor Técnico do HU, Rodrigo Ferreira, também professor do DMed, a atuação direta do estudante com o paciente qualifica tanto a formação, quanto o próprio serviço, por estimular que os médicos sempre se atualizem para atender às dúvidas dos estagiários, o que, conseqüentemente, promove melhorias na assistência ao paciente.

No âmbito do ensino, Ângela Me-

ÍNDICE DE SATISFAÇÃO

Critérios	Ambulatório	Internação
	- Nível de satisfação -	
Higiene, limpeza, organização	98,2%	97%
Conforto das instalações no atendimento	98,2%	94,1%
Atendimento da recepção	99,1%	94,1%
Atendimento da equipe de saúde	98,2%	94,1%
Tempo de espera	82,5%	88,2%
Indicação do HU para familiar	92,8%	100%

Fonte: Nota Técnica 05/2018 – Ouvidoria HU-UFSCar. As informações completas em www.ebserh.gov.br/web/hu-ufscar.

COMO FUNCIONA O ATENDIMENTO NO HU?

- Todo o atendimento do HU é feito a partir de encaminhamento das Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) ou Unidades Básicas de Saúde (UBS);

- O Hospital tem plantão 24 horas para atendimento de urgência e emergência e na internação.
www.ebserh.gov.br/web/hu-ufscar.

rice de Oliveira Leal, Superintendente da Instituição, afirma que o HU tem empreendido esforços para ser considerado um Hospital de Ensino, a partir de certificação do Ministério da Educação (MEC). “Estamos trabalhando para aumentar o número de leitos e para ofertar a residência médica, que são critérios a serem atendidos para sermos reconhecidos como um Hospital de Ensino”, explica Ângela Leal, reforçando que a certificação também refletirá em um aumento da receita do Hospital. “Concomitantemente trabalhamos para a creditação do HU junto às agencias certificadoras de qualidade hospitalar”, destaca a Superintendente.

Qualidade

A avaliação da qualidade do atendimento do HU é realizada por meio de pesquisas de satisfação conduzidas pela Ouvidoria

do Hospital. “As pesquisas servem para avaliar como o Hospital está evoluindo, se estamos atendendo as expectativas dos usuários, se eles estão sendo bem atendidos”, explica Roger Taylor, ouvidor do HU. Além das pesquisas padronizadas pela Ebserh, internamente, o Hospital elabora consultas aos usuários, a partir de critérios da gestão local. “Essas pesquisas são instrumentos importantes para avaliarmos infraestrutura, equipes, serviços, alimentação, dentre vários outros aspectos. Ninguém melhor do que o próprio usuário para nos dar esse retorno, que é fundamental para corrigirmos eventuais situações, promovermos melhorias e planejarmos os próximos passos”, defende o Diretor Técnico do HU.

Expansão e investimentos

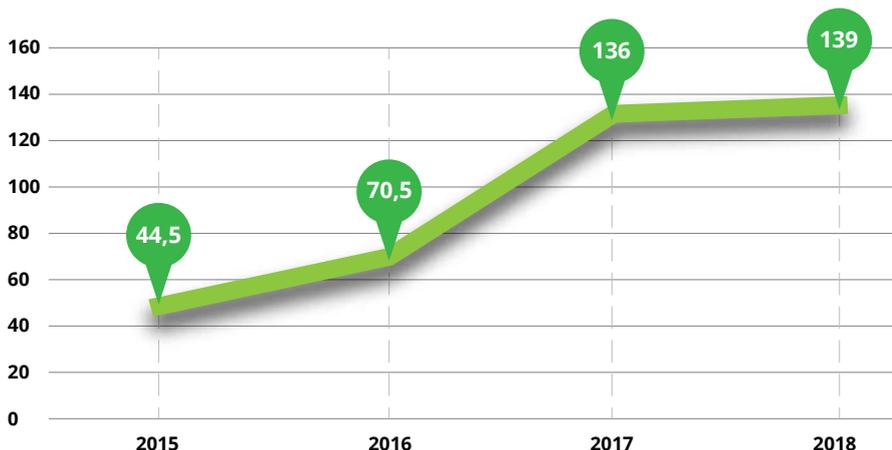
Nos últimos três anos foram

investidos R\$ 10 milhões de reais em melhorias e ampliações da infraestrutura do Hospital, que passou a contar com uma nova ala de internação, 12 consultórios do Ambulatório de Especialidades, salas para serviço de endoscopia, além da reformulação da Central de Materiais Esterilizados. Também foram inaugurados espaço ecumênico e corredor de serviços com refeitório, lactário, almoxarifado, dentre outras instalações. Gilberto Taboga, Gerente Administrativo do Hospital, explica que todas as reformas, assim como os novos espaços, estão em conformidade com as determinações da Vigilância Sanitária e do Corpo de Bombeiros. Ele destaca que novos equipamentos também estão sendo incorporados ao HU, com recursos na ordem de R\$ 15 milhões, oriundos do Fundo Nacional de Saúde e adquiridos pelo município de São Carlos, para modernizar o parque tecnológico do Hospital. Além disso, no último mês de abril, foi anunciado o investimento de R\$ 7,5 milhões que a Ebserh fará no HU para reformas que viabilizarão a construção do centro cirúrgico, com cinco salas, e da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), com dez leitos.

Tendo em vista as expansões recentes e os projetos de crescimento futuro, a Superintendente afirma que o trabalho de toda a equipe está direcionado para que o HU atinja sua capacidade máxima, com 240 leitos; atuação em procedimentos de média e alta complexidades; autossuficiência

MÉDIA MENSAL DE INTERNAÇÕES HU-UFSCar

até março de 2018



Internações (com alta médica) de grupos de CIDs de transtornos mentais e comportamentais



para a missão acadêmica; e a excelência no atendimento. “A assistência de excelência, a formação de profissionais altamente capacitados e uma saúde melhor para todos. É o que buscamos e vamos conquistar”, garante Ângela Leal.

Mais conteúdo

AMPLIAÇÃO DE LEITOS
HU-UFSCAR

<http://bit.ly/2QqZvlu>

AÇÃO INÉDITA DO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

<http://bit.ly/2QOSudG>



Fisioterapia | Funcional
Hidroterapia | Pilates



**Invista na prevenção e tratamento
para ter uma vida plena, sem dor.**



LONGE DA SOLIDÃO

Laboratório da UFSCar é destaque nacional em tratamento que ensina habilidades sociais e proporciona independência a crianças com autismo

 Mariana Ignatios
 Mariana Ignatios e Vinicius Gonçalves

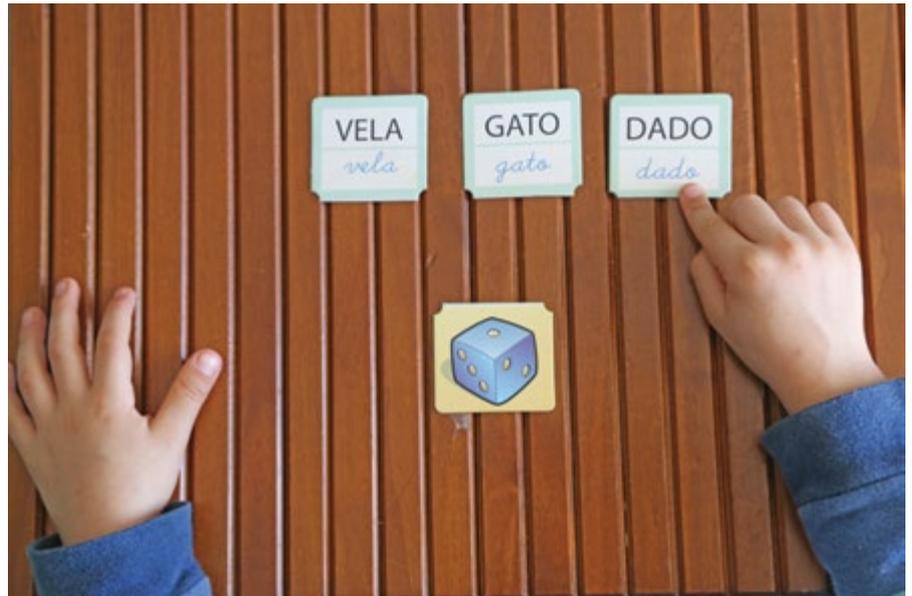
Os artistas plásticos Michelangelo e Andy Warhol, o compositor Wolfgang Amadeus Mozart, o cineasta Stanley Kubrick, o filósofo Wittgenstein e o cientista Albert Einstein. Gênios com um ponto em comum: todos apresentavam características do autismo. Assim, se para muitos, o diagnóstico do autismo ainda representa condenação a uma vida solitária e improdutiva, a história mostra que para outros, ocorreu o contrário. “Acredito que o autismo está muito longe de ser uma deficiência. A grande massa faz somente o que é esperado, o autista consegue ir além”, afirma Christina Ramires Ferreira



Tratamento com ABA melhora os relacionamentos interpessoais e garante mais autonomia às crianças com autismo

Kubies, cientista que mora nos EUA e mãe de uma menina diagnosticada com autismo.

“Nós, pais de autistas, temos uma missão importante. É um desafio e uma benção ter uma criança autista em casa. Claro que existem os diversos níveis de comprometimento da comunicação e interação social, mas pode haver uma inteligência maior e cabe a nós ajudarmos nossos filhos a desenvolverem esse potencial e não apagá-lo, rotulando-os como deficientes”, defende Kubies.



1 em cada **59** crianças nasce com autismo

90% dos casos não são diagnosticados

Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O autismo pertence a um grupo de doenças do desenvolvimento neurológico conhecido por Transtorno de Espectro Autista (TEA), que pode ser explicado como uma desordem que afeta o funcionamento do cérebro de maneira bastante particular. Essa “desordem” se caracteriza pela dificuldade na comunicação e na interação social e pela ocorrência de comportamentos repetitivos. Embora todas as pessoas com TEA partilhem dessas dificuldades, há intensidades diferentes de comprometimento. O transtorno não possui cura e suas causas ainda são incertas, porém há tratamento para que o paciente possa se adequar ao convívio social e ter melhor qualidade de vida.

A partir da última atualização do Manual Diagnóstico e Estatístico

“É difícil estabelecer uma linha direta, única e exclusiva.

Trabalhamos com múltiplas causas.

O que se sabe é que existem características ou comportamentos comuns.”

co de Transtornos Mentais (DSM-V), realizada em 2013, pela *American Psychiatric Association*, vários transtornos e síndromes foram aglutinados sob a mesma denominação - a de Transtorno do Espectro Autista (TEA). O espectro agrupa desde um quadro de alta funcionalidade a casos de deficiên-



Giovana Escobal

cia intelectual. “A medida buscou aglutinar alguns transtornos até então abordados individualmente em um único grande guarda-chuva, o TEA. A proposta foi facilitar o diagnóstico e o tratamento. O que aconteceu é que a medida pode ter expandido o número de

ao dado de 2012. Além disso, pesquisadores estimam que 90% dos brasileiros com autismo não tenham sido nem diagnosticados, pela falta de preparo dos profissionais. “No Brasil, os profissionais e a família têm dificuldade de identificar o TEA precocemente, ou seja, antes dos três anos de idade. Quando se consegue fazer um diagnóstico, a criança já tem mais de cinco anos, ou o que é pior, não se identifica o transtorno”, lamenta Giovana Escobal pesquisadora associada ao DPsi e Vice-coordenadora do Lahmiei.

Causas e comportamentos típicos

Não há uma causa específica para o TEA. O que se supõe é que o transtorno pode ter múltiplas causas: genética, cultural, comportamental, ambiental, dentre outras.

mente iguais ou parecidas quanto aos comportamentos apresentados”, diz Goyos.

Um traço comum na maioria das crianças com autismo, a menos que haja outra síndrome associada, é a que não existe nenhuma característica física ou externa que indique o autismo. É no comportamento que se percebe que há algo diferente. Os indivíduos com TEA podem apresentar comportamentos repetitivos estereotipados e sem função aparente, dificuldade no domínio da linguagem, falta de contato visual, inabilidade para interagir socialmente e, em casos extremos, agressividade direcionada a pessoas ou destruição de objetos.

“Às vezes, por exemplo, pode aparecer um indivíduo com TEA que tem a linguagem muito bem desenvolvida, mas nem sempre funcional.

AUTISMO - CARACTERÍSTICAS DO COMPORTAMENTO

- não olhar nos olhos

- realizar movimentos repetitivos

- dificuldade no domínio da linguagem

- dificuldade ou pânico na interação social

- em casos extremos, agressividade

pessoas enquadradas nestas condições”, pondera Celso Goyos, professor do Departamento de Psicologia (DPsi) e Coordenador do Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado (Lahmiei) da UFSCar.

Um estudo do *Center of Diseases Control and Prevention* (CDC), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, publicado em 2018, diz que uma em cada 59 crianças no mundo nasce com autismo, um aumento de 15% em relação

“É difícil estabelecer uma linha direta, única e exclusiva. Trabalhamos com múltiplas causas. O que se sabe é que existem características ou comportamentos comuns. Não temos causas bem localizadas, mas temos sinais e tratamentos muito bem estabelecidos”, explica Goyos. O professor diz que, como é um espectro, há uma distância grande de um extremo ao outro em relação aos comportamentos que podem surgir. “É difícil, fora dos extremos onde estão a minoria, você encontrar pessoas que sejam rigorosa-

Outro pode conseguir decorar muitas páginas, mas se você perguntar algo sobre o conteúdo decorado, ele não consegue explicar. Outros ainda têm facilidade em memorizar contas com números extensos, sem no entanto saber como usá-las. Em alguns casos, os autistas se confundem com superdotados e, comumente, são capazes de fazer coisas muito interessantes, mas incapazes de cumprimentar pessoas ou entram em pânico diante de situações sociais”, detalha o Coordenador do Lahmiei. A falta de con-

Lucelmo de Brito, pai de um menino com autismo

tato visual dá indicação de que o indivíduo vive no seu próprio mundo; o olhar fixo para objetos com brilho ou movimento constante reflete a hipersensibilidade e a ausência de contato social. “Todos nós temos um pouco de cada um desses comportamentos, mas esses sinais precisam aparecer em grande quantidade e em alta frequência, além de serem incapacitantes, para serem diagnosticados como TEA”, completa Goyos.



“Me sentia de mãos atadas por não conseguir ajudar meu filho a se comunicar com o mundo de alguma maneira.”

Diagnóstico

Os sintomas podem aparecer nos primeiros meses de vida, mas dificilmente são identificados precocemente. O mais comum são os sinais ficarem mais evidentes nos primeiros três anos. “Normalmente devido a uma falta de interação com os pais, é frequentemente confundido com surdez”, relata Giovana Escobal.

O diagnóstico é essencialmente clínico. Leva em conta o comportamento e o histórico do paciente, a partir de critérios estabelecidos pelo Manual do Diagnóstico e Estatística da Sociedade Norte-americana de Psiquiatria e pela Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde

(OMS). Hoje em dia, não há marcadores biológicos ou testes específicos para identificação do autismo. “A avaliação é comportamental, o que torna mais importante a aquisição de conhecimento e experiência do profissional para se fazer a identificação correta dos sinais”, destaca a pesquisadora da UFSCar.

Tratamento

Atualmente, o tratamento ideal deve se basear nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada, ou ABA (*Applied Behavior Analysis*, na sigla em Inglês), uma abordagem para a compreensão do comportamento humano e que vem sendo amplamente desenvolvida no atendimento a pessoas

com autismo; e comprovadamente a única ciência que fornece meios de tratar com resultados mais efetivos. Com o método ABA, é possível ensinar repertórios ausentes como linguagem verbal e não-verbal, estimular a interação, ensinar habilidades necessárias à vida diária e garantir independência ao paciente.

Para que seja eficiente, é necessário que, dependendo do caso, a criança seja submetida ao tratamento de 30 a 40 horas semanais. E quanto mais cedo começar, melhor o resultado. Celso Goyos e Giovana Escobal afirmam que os pais não devem esperar para começar o tratamento somente quando tiverem o diagnóstico fechado. “Muitas vezes, os pais se recusam a acreditar que a criança tenha algum tipo de transtorno, o que atrasa o diagnóstico e conseqüentemente o tratamento. Quanto mais cedo admitirem a realidade, melhor vai ser para a criança e menos prejuízo ela terá. Ao invés de um sentimento de luto, uma conduta mais pró-ativa dos pais, com certeza, será melhor para os filhos”, defendem os pesquisadores da UFSCar.



Lahmiei - referência nacional e internacional

O Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado (Lahmiei) da UFSCar é resultado de 40 anos de



Turma do curso ofertado pelo Lahmiei

trabalho em Análise do Comportamento. É referência nacional e internacional nessa área do conhecimento. Nestes anos, o Laboratório realizou um total de 34 pesquisas de mestrado, 18 de doutorado e 10 de pós-doutorado. “Trabalhamos

ofertam, desde 2013, o curso de especialização em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo, Atrasos de Desenvolvimento Intelectual e de Linguagem, o primeiro e mais reconhecido curso do gênero no Brasil. O curso oferece

inadequados e ensinar os adequados, fazendo com que os indivíduos tenham mais qualidade de vida”, detalha Giovana Escobal. Goyos ressalta a importância nacional do curso: “Formamos profissionais que vão atender crianças do Brasil

ABA – O método visa:

- permitir que a pessoa com autismo se relacione melhor em casa, na escola ou na rua;
- ensinar novas habilidades e/ou como “desaprender” comportamentos negativos, como agressividade e estereotípias;

- ampliar a capacidade cognitiva, motora, de linguagem e de integração social;
- aperfeiçoar as habilidades positivas que a criança ou adolescente com autismo tem de melhor;
- garantir mais autonomia na vida.

com Análise do Comportamento aplicada junto a crianças com problemas de aprendizagem, atrasos no desenvolvimento da fala, no desenvolvimento da linguagem e no desenvolvimento intelectual. E dentre elas, os indivíduos com autismo”, descreve Goyos.

Além disso, o Lahmiei e o DPsi

ferramentas para profissionais que atuam com indivíduos acometidos pelo autismo. “A partir do curso, médicos, terapeutas, educadores e até familiares ficam aptos a identificar as características do transtorno e a montar programas de atendimento e intervenção eficientes para modificar os comportamentos

todo. Já formamos 250 alunos de várias cidades do País. Se cada um atender de 10 a 20 crianças, teremos um total de 5 mil atendidas em pouco tempo”.

Lucelmo Lacerda de Brito, pesquisador e pai de um menino com autismo de 10 anos, mora em São Sebastião (SP), e é um dos alunos



“A fala não veio. Eu já tinha um filho mais velho, a nossa referência, e aquilo foi me incomodando, mas eu não sabia o que era exatamente.”

Samira Girioli, mãe de um menino com autismo

realiza projetos de cunho social, mais especificamente voltados para crianças de escolas públicas. São dois projetos principais: o primeiro busca estabelecer uma base sólida de atendimento escolar às crianças com transtornos de desenvolvimento. O objetivo é adequar e produzir procedimentos de ABA para o ensino de comportamentos socialmente relevantes aos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), atrasos no desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem.

Márcia Maria dos Santos, que trabalha como doméstica, é mãe de um garoto de 11 anos, diagnosticado com TEA. Ele frequenta a Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) “Dalila Galli”, polo de Educação Especial no município de São Carlos e local onde o Lahmiei desenvolve a ação. Ela conta que só descobriu que o filho tem autismo há um ano e meio. “Ele já foi chamado de preguiçoso e diagnosticado com Transtorno de Deficit de Atenção, hiperatividade e com síndrome do X frágil. Até os 9 anos, meu filho recebeu tratamento eclético, não sabia ler, nem escrever, ficava sozinho na escola, tinha dificuldade de

da quarta turma do curso de especialização oferecido pelo Lahmiei. Quando percebeu que seu filho não estava seguindo o desenvolvimento esperado para a idade, em aspectos de fala e interação social, Brito procurou alguns profissionais para saber o que estava acontecendo. Após muitas tentativas, à época o garoto estava com 7 anos, um médico deu o diagnóstico de autismo. “Mas ninguém nos orientou quanto à intervenção. Foi sugerido um acompanhamento que chamamos de eclético – com fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e psicólogo. Foram quase quatro anos de tratamento e não conseguíamos interagir com nosso filho. Era desesperador. O autismo parecia uma sentença e, para mim, pessoalmente, foi muito difícil tanto que entrei em depressão. Me sentia de mãos atadas por não conseguir ajudar meu filho a se comunicar com o mundo de alguma maneira”, relembra o pai.

Brito, que pesquisava religião, mudou seu foco de trabalho. Passou a estudar o autismo e as intervenções possíveis. Foi quando descobriu a Análise do Comportamento Aplicada, participou de congressos sobre ABA, leu muitos artigos e encontrou um analista do comportamento para acompanhar seu filho. “Ele desenvolveu em três meses o que não fez em quatro anos de tratamento eclético. Foi in-

crível!”, afirma Brito.

Foi justamente em um congresso que Brito conheceu as pesquisas e o trabalho do Lahmiei, com o ABA: “Me lembro da fala da pesquisadora sobre a importância da UFSCar no campo da Análise do Comportamento”. Depois disso, decidiu se inscrever no curso. “Este novo campo de pesquisa tem sido muito gratificante para mim, no sentido de que ele responde a vários anseios da minha vida e me ajuda a compreender melhor o autismo, a me comunicar com meu filho e a contribuir com a sociedade”, afirma ele.

Projetos sociais

Além da pesquisa, formação e capacitação, o Lahmiei também



Ana Cláudia Franço, professora na Escola Dalila Galli

“Agora temos auxílio de pessoas capacitadas que nos auxiliam não só em sala, mas nos desafios diários da escola.”



Estímulos adequados garantem a evolução do tratamento

crianças no ensino regular”, destaca a professora.

Fazendo diferença

Goyos diz que os principais desafios no que diz respeito ao autismo estão relacionados à demora do diagnóstico e aos tratamentos inadequados, que comprometem o desenvolvimento da criança. Foi o que aconteceu com Samira Ubaide Girioli, médica cardiologista, mãe de um menino de 9 anos diagnosticado com autismo. Ela conta que percebeu que o filho tinha algo diferente quando era bebê: ele reagia a propagandas na televisão, mas não emitia nenhum som. “A gente foi observando que na evolução, ele foi perdendo o contato visual. Ele não mandava beijo, nem fazia caretas ou dava tchau; não respondia. Isso tudo perto de um ano. A fala não veio. Eu já tinha um filho mais velho, a nossa referência, e aquilo foi me incomodando, mas eu não sabia o que era exatamente”, relembra Samira.

Demorou três anos para o filho ser diagnosticado com autismo. E a demora no diagnóstico não foi o único desafio. O menino era atendido por vários terapeutas e profissionais, mas chegou aos 5 anos falando apenas quatro palavras. De acordo com a mãe, os tratamentos da terapia eclética [o garoto era atendido por neurologista, pediatra, fonoaudiólogo, psicopedagoga, terapeuta ocupacional, psicólogo e otorrinolaringologista] eram ca-

fala e comunicação”, lembra a mãe.

O diagnóstico do menino ficou obscuro durante nove anos. Somente na terceira avaliação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) - ele tinha sido atendido aos 5, aos 7 e, então, aos 9 anos - veio o diagnóstico de autismo. “Foi quando consegui atendimento na própria Apae, além de poder pleitear uma vaga na Escola Dalila Galli”. E logo veio a diferença. “Em um ano e meio, ele aprendeu a ler e a escrever, interage com outras crianças, participa em sala de aula, e a relação com a gente em casa é outra. É muito bom ver a felicidade dele quando consegue se comunicar e aprende algo novo”, comemora a mãe.

O segundo projeto social do Lahmiei visa capacitar os profissionais da Educação, cuidadores e pais de crianças diagnosticadas com TEA, a

partir dos princípios das intervenções em ABA. Ana Cláudia Giglioti Françoso é professora de Português dos 7º e 9º anos na Escola Dalila Galli, que hoje tem 900 alunos do 1º ao 9º ano. Um total de 20% dos alunos é público-alvo da Educação Especial. “Temos um grande número de alunos com ‘necessidades especiais’. Muitas vezes, nós professores ficamos perdidos sobre como trabalhar com eles em sala de aula”, relata Ana Cláudia. Ela leciona na escola há cinco anos e diz que houve uma grande diferença quando o Lahmiei se tornou parceiro da instituição. “Agora temos auxílio de pessoas capacitadas que nos auxiliam não só em sala, mas nos desafios diários da escola. Agora, conseguimos desenvolver planos de ação para trabalhar melhor com os alunos ‘especiais’ e estamos mais satisfeitos vendo que conseguimos incluir melhor essas



ros, demandavam muita energia e os resultados eram quase nulos. "A gente recebia atendimento com diversos profissionais em Ribeirão Preto, onde moramos, mas começamos a procurar também em cidades próximas. Eu pesquisava muito, fazia cursos, conversava com outros pais, mas não via melhora no meu filho. Mesmo fazendo tudo que podia não tinha evolução alguma", diz Samira.

No final de 2014, Samira foi a uma palestra com Carlos Gardia, neuropediatra brasileiro, Diretor de um centro de TEA em Miami, que falou muito sobre o tratamento em ABA. Após a conferência, ela marcou uma consulta de avaliação com o próprio Gardia. "Ele confirmou o diagnóstico e me recomendou imediatamente o ABA intensivo de 40 horas semanais, pois havia um atraso absurdo de fala, que não dava mais para esperar. Gardia indicou, então, que eu procurasse a equipe do Lahmiei em São Carlos. E lá fo-

mos nós", conta ela.

Em contato com a equipe do Laboratório, ela decidiu começar o tratamento com ABA. "Foi quando nossa história mudou. Mesmo com o enorme atraso na linguagem verbal e não verbal, em dois meses de ABA, meu filho já imitava gestos, mandava beijo, dava tchau e começava a apontar. Depois começou a aprender novas palavras. Foi incrível", comemora a médica. Com três anos de tratamento, os avanços são cada vez maiores. "Meu filho está ótimo e avançando. Estamos muito felizes de ter encontrado o

Lahmiei. Sabemos que nosso filho terá uma vida independente e normal", finaliza a mãe. 

 **Mais conteúdo**



<http://bit.ly/2C3qKdm>

Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado - Lahmiei

E-mail: autismoufscar@gmail.com
Fone: (16) 3351-8498

ASSIM ASSADO

Uma Alimentação Mais Saudável

Marmitex

SEM FRITURAS

Grelhados, Cozidos a Vapor e Assados

Congelados

ULTRACONGELADOR

+ Nutrientes + Sabor

**Sucos
Naturais**

SEM CONSERVANTES

+ Saúde



**CONHEÇA NOSSA
LOJA VIRTUAL**

- Cardápio diversificado;
- Opções vegetarianas;
- Facilidade com opções de pagamento.



MAIS FACILIDADE E RAPIDEZ PARA
SUA **ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

INVISTA EM VOCÊ!

www.assimassadosc.com.br

Rua Marechal Deodoro, 2590 - Centro - São Carlos - SP - (16) 3307-1973/(16) 99626-9981



Integração entre teoria e prática é uma das marcas registradas do curso de Medicina da UFSCar

Preparados para aprender e transformar

Médicos formados na UFSCar são preparados para continuar aprendendo ao longo da vida e motivados para transformar a sociedade

 Mariana Pezzo  João Moura



A criação do curso de graduação em Medicina da UFSCar é, sem dúvida, um marco na memória de muitas pessoas, na Universidade e na cidade de São Carlos. A primeira turma de futuros médicos chegou à UFSCar em 2006.

A proposta nunca foi de um curso de Medicina qualquer, mas sim de um curso que tivesse a cara da UFSCar, concretizando princípios históricos da Universidade. Na Medicina, esses princípios tomavam forma principalmente na interação permanente com o sistema público de Saúde e na aliança entre serviços de Saúde e a formação, com a presença dos estudantes em atividades práticas desde os primeiros dias da graduação. Hoje, 12 anos e sete turmas formadas depois, é possível verificar como aqueles princípios encontraram a realidade. Nessa trajetória, ocorreram inúmeras dificuldades; porém, hoje, são vários os indicadores de sucesso, como a nota máxima – conceito 5 – obtida na avaliação realizada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2017, forte concorrência para ingresso no curso – em 2018, foram 7.400 inscritos no Sistema de Seleção Unificada (SiSU) para concorrer às 40 vagas ofertadas – e a aprovação dos médicos formados na UFSCar nos programas de residência mais concorridos do País.

“A gente poderia dizer algo como ‘tinha tudo para dar errado’, olhando para algumas das condições naquele começo. Mas, se olharmos para o fim, avaliarmos os resultados, vemos que não foi isso que aconteceu. Olhando para o desempenho dos egressos, desde a primeira turma, vemos que isto que podia ter ‘tudo para dar errado’ reúne alguns fatores que favorecem esse bom desempenho.



Práticas profissionais simuladas na UFSCar, com a participação de atores

Dentre eles, eu destaco o currículo orientado por competências e as metodologias ativas”, avalia o atual Coordenador do curso, Ubiratan Cardinali Adler, mencionando processos de ensino e aprendizagem que colocam o estudante e suas indagações em lugar central e ponto de partida para a construção de conhecimentos.

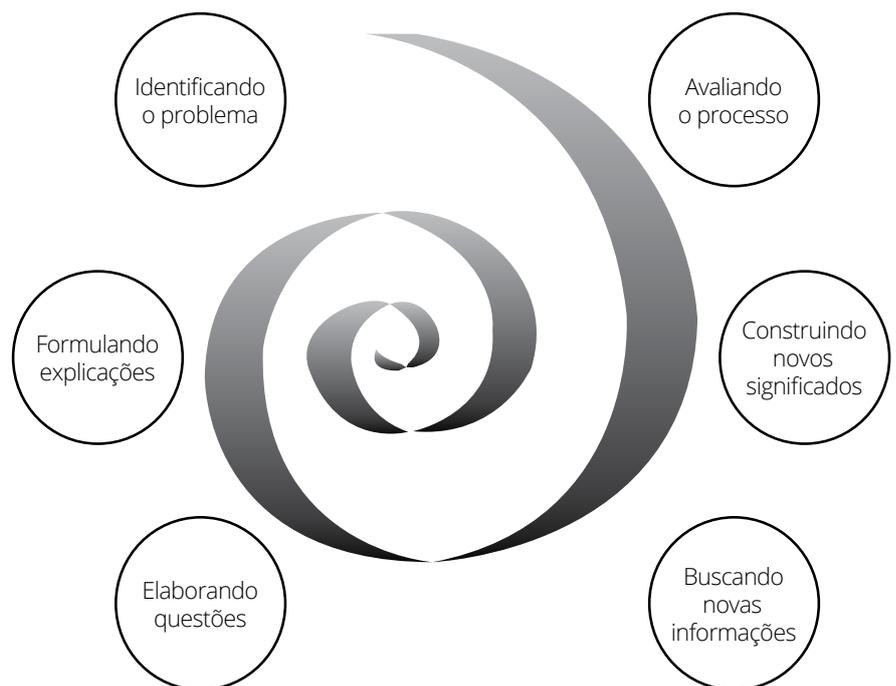
Metodologias ativas e as competências

O projeto pedagógico do curso de Medicina da UFSCar está fundamentado em três pressupostos: o currículo orientado por competências; a integração entre teoria e prática, voltada para o Sistema Único de Saúde (SUS); e a abordagem educacional construtivista, com o emprego das chamadas metodologias ativas. O curso está organizado em três ciclos educacionais, cada um composto por dois anos (ou séries, como são chamadas no curso). A cada ciclo, há o retorno às três grandes áreas de competência definidas – Saúde, Gestão e Educação

–, com progressiva ampliação da complexidade e aprofundamento nos conteúdos, em uma aprendizagem em espiral (ver imagem). Co-

mum aos três ciclos educacionais é também a organização em três unidades educacionais: de simulação da prática profissional, de prática profissional e eletivas (atividades que cada estudante, junto com um orientador, vai escolhendo ao longo do curso, para realização na UFSCar e fora dela, de acordo com as necessidades educacionais complementares que vai identificando).

No currículo orientado por competências, o conteúdo trabalhado ao longo do curso é basicamente o mesmo, mas a sua abrangência vai se tornando cada vez maior. “Você forma o aluno no sentido de torná-lo competente, por exemplo, para, inicialmente, no primeiro ano, entrar na casa de um paciente, de uma família. Essa prática é supervisionada, por docentes da Universidade e preceptores, que são os profissionais de Saúde que atuam na rede e acompanham os estudantes. Nessa interação, o estudante vai evoluindo nas competências: depois de aprender a abordar a família, aprende a realizar um exame físico, compreende o processo fisiopatológico, até fazer um projeto terapêutico completo. Além disso,



Espiral construtivista do processo de ensino-aprendizagem a partir da exploração de uma situação-problema

Fonte: Projeto político-pedagógico do curso.

Dê vida

AO QUE TE INSPIRA!



Dar vida a ambientes inspiradores é o que fazemos todos os dias. Mobiliários que promovem o seu bem-estar são o resultado dessa filosofia.



garantia
5
anos



100%
MDF

DESDE
1971

Av. Dr. Carlos Botelho, 1751 | Centro - São Carlos / SP
16 3413.1720 | 16 99785.2037 | sandrin.saocarlos@gmail.com

www.sandrin.com.br

  /sandrinoficial

Sandrin

planejados

desde o começo ele vai aprendendo como funciona um organismo, na saúde e na doença”, explica o Coordenador do curso. “É a prática que oferece os disparadores para que o aluno vá atrás do conhecimento, com acompanhamento do professor. Mas o docente não chega lá e oferece as respostas, é o estudante que busca as informações”, complementa.

Adler, docente do Departamento de Medicina (DMed) e Diretora Técnica da Unidade Saúde Escola (USE) da UFSCar. “E o docente participa desse processo de construção de conhecimento, junto com o aluno. Nós vamos inquirindo o estudante sobre o seu conhecimento e estimulando que busque o aperfeiçoamento”, acrescenta. “A gente fala que faz reflexões em

Santos, também docente do DMed. “Quando eu fui fazer a minha residência, no contato com colegas que vinham da formação mais tradicional, eu percebi que tínhamos mais tranquilidade em perceber que, em alguns momentos, eu não saberia algumas coisas. A gente aprende entendendo que o que estamos aprendendo hoje amanhã talvez não seja mais o que precisamos e que, portanto, sempre teremos de estar aprendendo”, atesta a médica psiquiatra Karina Toledo da Silva Antonialli, que ingressou no curso de Medicina da UFSCar na segunda turma, em 2007.



Estudantes atendem na Unidade Básica de Saúde do bairro Cidade Aracy, em São Carlos: contato direto com a realidade da Saúde Pública

Atenção Básica

A integração entre teoria e prática começa já nos primeiros dias do curso de Medicina da UFSCar, quando os estudantes realizam visitas aos diferentes equipamentos de Saúde da Universidade e do Município, para conhecer os chamados “cenários” onde estarão inseridos nos momentos da sua formação. Depois, são divididos em quatro grupos de 10 pessoas (são 40 as vagas oferecidas a cada ano para ingresso no curso), que permanecerão os mesmos até o final da formação. Cada grupo vai, então, conhecer uma Unidade de Saúde da Família (USF) do Município, na qual deve permanecer até o quarto ano do curso. Depois de serem apresentados à equipe da USF, os estudantes começam a ser apresentados às famílias. Nas visitas iniciais, vão às residências acompanhados dos agentes comunitários de Saúde, preceptores ou docentes, mas, com o tempo, é com eles que as famílias estabelecerão o vínculo.

Uma particularidade da UFSCar é que cada grupo de 10 estudantes acompanha as mesmas oito famílias ao longo dos quatro primeiros anos da formação, considerando oito ciclos de aprendizagem relacionados à gestante, à lactente (bebê até os dois anos), à criança, a adolescentes, adultos (homens e mulheres), idosos e idosas. Até o final do segundo ano, o estudante

“Nós temos a possibilidade de ensinar o aluno a aprender, a buscar o conhecimento, e isto tem duas consequências importantes. O estudante tem um grau de responsabilidade muito grande perante o seu aprendizado e, junto a isso, uma oportunidade de construir o seu próprio conhecimento”, avalia Maristela Schiabel

pequenos grupos e as pessoas se perguntam: mas pequenos grupos são salas de aula pequenas? Não. O estudante tem o caso e tem de ir para casa descobrir qual é uma fonte de informação confiável. Ele é sempre desafiado a tentar chegar a um conhecimento que não tem, e é formado para atingir esse conhecimento”, explica Sigrid de Sousa dos



USPPS na UFSCar é equipada para simular a realidade dos atendimentos médicos

Medicina da UFSCar, que acompanha o estudante ao longo de toda a sua formação, mas tem especial relevância nos momentos iniciais, pois é nas situações simuladas que o aluno aprende, em um ambiente controlado e protegido, a fazer, por exemplo, uma visita domiciliar, ou a realizar um exame físico, antes de interagir de fato com um paciente. As simulações podem ser situações-problema “de papel” – ou seja, casos apresentados pelos professores e debatidos com um pequeno grupo de estudantes –, dramatizações com atores e práticas utilizando manequins e outros equipamentos.

E aqui está mais um diferencial da UFSCar, já que a Unidade de Simulação da Prática Profissional em Saúde (USPPS) é um espaço que permite vivências muito próximas daquelas que os estudantes encontrarão nos cenários reais de prática profissional. A Unidade está instalada em um edifício de 1.390 m², onde são realizadas atividades de todos os cursos de Saúde da Universidade. A Coordenadora da USPPS, Andréa Contini, docente do DMed, afirma que, com essas dimensões, a Unidade está entre as maiores do País, e é robusta também no que diz respeito às instalações e aos equipamentos disponíveis. Dentre essas instalações estão espaços arranjados como residências, para experiências de visita domiciliar; salas de consultórios, que simulam as Unidades Básicas de Saúde (UBS); uma unidade hospitalar com cinco leitos; uma unidade cirúrgica; e, também, um cenário de urgência e emergência, com porta para a rua e até mesmo uma rampa, para simular a chegada da ambulância.

Em relação aos equipamentos, estão disponíveis desde materiais de habilidades – como, por exem-

plado, já terá completado os oito ciclos, estando vinculado assim a oito famílias. “A visita domiciliar é feita a partir da indicação da equipe da USF, considerando as pessoas que já são acompanhadas. Com o ciclo iniciado, o estudante constrói então uma história, primeiro de vida e depois clínica, pensa quais são as necessidades daquela pessoa, daquela família, e qual é o plano de cuidados. Às vezes ele faz a visita sozinho, outras vezes com o docente ou com o preceptor, e temos também os momentos de reflexão sobre a prática na Universidade. O movimento parte da prática; é o que aconteceu na prática que nós estudamos na Universidade”, descreve o docente do DMed Willian Fernandes Luna, que atua junto aos estudantes do segundo ano.

Luna destaca como esse acompanhamento longitudinal permite um conhecimento da família que é muito mais amplo do que o olhar para a doença. “No momento, por

exemplo, estamos acompanhando uma mulher idosa com hipertensão de difícil controle, que mora sozinha. Além de aferirem a pressão dessa senhora, os estudantes contaram a medicação para verificar se ela estava tomando os remédios da forma correta, ajudaram a separar os comprimidos em potinhos com a marcação dos horários em letras grandes, e também orientaram a família sobre a colocação de barras de segurança e a retirada de tapetes, para evitar quedas. Esse olhar mais amplo estabelece um compromisso com o sucesso do cuidado, com aquela família, com as suas limitações. Se eles apenas tivessem prescrito a medicação no consultório, não saberiam dessas dificuldades e não participariam da solução”, relata Luna.

Simulação da prática profissional

Além da prática, a simulação da prática profissional é uma das unidades estruturantes do curso de

plo, um braço para o treino de acesso venoso ou uma cabeça para entubação – e modelos anatômicos – como uma pelve feminina para realização de exame ginecológico – até um manequim de alta fidelidade, cujas respostas fisiológicas às ações dos estudantes, controladas por um software, são as mesmas de um paciente real. Uma curiosidade, que ilustra o papel pedagógico da simulação, é que esse manequim poderia chegar a morrer, mas a atividade sempre é interrompida antes que isso aconteça. “No mundo dos cenários, nunca podemos deixar o paciente morrer, exceto se o objetivo for aprender a lidar com a morte. Caso contrário, se chegamos à morte perdemos todo o aprendizado, porque o estudante só vivencia aquela experiência de morte e o objetivo de, por exemplo, praticar a reanimação após uma parada cardiorrespiratória, não é atingido. Por isso, quando estamos caminhando para a morte, nós paramos o processo antes, para discutir o que está errado e quais alterações são necessárias”, conta Contini.

A Coordenadora da USPPS também destaca o programa de paciente simulado, que, mais uma vez, torna a UFSCar pioneira no Brasil. Por meio do programa, pessoas da cidade de São Carlos são convidadas, por meio de edital, a atuar como pacientes, a partir de um processo de capacitação e do recebimento de roteiros com informações sobre o personagem que devem representar. Hoje, são cerca de 30 pessoas cadastradas, entre jovens, adultos e idosos, com os quais os estudantes exercitam principalmente as habilidades de comunicação.

Unidade Saúde Escola

A partir do terceiro ano do curso, a prática profissional dos estudantes de Medicina passa a contar, além da área de Saúde da Família e Comunidade, com atividades de Saúde do Adulto e do Idoso, de Saúde da Mulher e da Saúde da Criança. Neste momento, entra-se na Atenção Secundária e, como cenários, ganham relevância os am-

“Nós temos a possibilidade de ensinar o aluno a aprender, a buscar o conhecimento, e isto tem duas consequências importantes. O estudante tem um grau de responsabilidade muito grande perante o seu aprendizado e, junto a isso, uma oportunidade de construir o seu próprio conhecimento”

bulatórios de especialidades. Nesse contexto, a Unidade Saúde Escola (USE) da UFSCar é um espaço essencial, que também traz o seu diferencial: o compromisso com o cuidado integral e ampliado, que olha não para a doença, mas para a pessoa, suas necessidades de saúde e seu entorno. A Diretora Técnica da Unidade, Maristela Adler, explica que essa atenção integral é o princípio da estratégia de Saúde da Família, na Atenção Primária, e que

a USE dá suporte a essa estratégia na Atenção Secundária. A docente também destaca a oportunidade dos estudantes de Medicina trabalharem em equipes multiprofissionais, já que, na Unidade, além da equipe técnica multiprofissional, há ações dos demais cursos da área da Saúde da UFSCar, nas quais os futuros médicos interagem também com professores e estudantes dessas áreas (Saiba mais na reportagem sobre a USE).

Hospital Universitário e Santa Casa

O internato é o último momento do curso de Medicina, desenvolvido nos quarto e quinto anos, quando a prática profissional acontece principalmente em cenários hospitalares. Durante alguns anos, os estudantes tiveram de sair da cidade e ir a outros municípios para cumprir essa parte da sua formação. Foi só em 2016 que as atividades puderam ser integralmente realizadas em São Carlos, a partir de estabelecimento de um convênio entre a Universidade e a Santa Casa e de avanços na implantação do Hospital Universitário (HU). O HU, hoje, abriga atividades de Clínica Médica, Saúde da Criança e Cirurgia Geral, além de ambulatórios de especialidades.

“A Coordenação do curso de Medicina tem de reconhecer o papel fundamental que a Santa Casa teve no acolhimento do internato. E,



Simulação da prática tem impacto direto na formação profissional dos estudantes

Professora Carla Polido e grupo de alunos: ações já transformaram a realidade da Maternidade de São Carlos



Beatriz Rezende

mesmo com os avanços no HU, nós entendemos que esses dois serviços sempre serão complementares”, afirma Ubiratan Adler.

“O internato é o momento em que o estudante se torna responsável pelo cuidado. Eu sempre digo aos estudantes que eles conseguiram atingir o objetivo do internato quando eu passo por uma família e ela nem olha para mim, porque a referência é o estudante. Sentir o peso da camisa ainda sob a supervisão do docente é importantíssimo, porque dá segurança ao médico formado quando ele tiver de fazer isso sozinho”, explica Sigrid de Sousa dos Santos, docente do DMed e integrante da equipe de coordenadores do internato no HU.

Em relação ao acompanhamento desses estudantes, Sigrid dos Santos afirma que um dos pontos que resultou na boa avaliação do MEC foi justamente a presença dos docentes na prática profissional. “Quando o internato era realizado fora de São Carlos, a gente refletia sobre a prática depois que ela já tinha acontecido, e a reflexão teórica, que podia levar à percep-

ção de necessidades de mudanças nessa prática, estava dissociada dela. Este foi um movimento importante feito pelo corpo docente no sentido de qualificação da prática, a decisão de estar na prática junto com o estudante, o que qualifica esse estudante, a rede de cuidados e o próprio do-

“Sentir o peso da camisa ainda sob a supervisão do docente é importantíssimo, porque dá segurança ao médico formado quando ele tiver de fazer isso sozinho”

cente e a Universidade, que se aproximam da realidade”, explica.

Maternidade de São Carlos e gestão em Saúde

A gestão em Saúde é uma das três áreas de competências do curso de Medicina da UFSCar. Em

relação a essa área, a docente do DMed Carla Betina Andreucci Polido conta como, desde a concepção do curso, a ideia era participar da gestão em Saúde no Município. No entanto, isso só foi acontecer nos últimos anos, primeiramente no HU e, desde o início de 2017, também na Maternidade da Santa Casa de São Carlos, hoje dirigida por Humberto Sadanobu Hirakawa, docente do DMed. Polido, que coordena o internato em Obstetrícia na Santa Casa, qualifica o trabalho na Maternidade como exemplo de gestão acadêmica que funciona.

Na Maternidade, desde o início da gestão de Hirakawa, a taxa de cesáreas realizadas no SUS passou de 80% para 25%, juntamente com uma redução drástica das morbidades associadas à gestação, tanto nas mães quanto nos bebês. “Estes são resultados com impactos nos desfechos do cuidado, que mostram como uma gestão que preza a assistência baseada em evidências, a qualidade do cuidado e, também, a qualidade do trabalho multiprofissional, faz toda



Médicos em formação pela UFSCar atendem famílias em bairros de São Carlos

sim, se adaptar facilmente a situações inusitadas ou às quais ainda não foi apresentado. No entanto, a ideia de construção permanente também se aplica ao próprio curso, bem como à compreensão do SUS como projeto em andamento. “Considerando os resultados que já temos mesmo com tanto ainda por fazer, eu espero o infinito deste curso, o que a gente vai oferecer para a sociedade sem dúvida é algo que o Brasil ainda não viu”, conclui a professora Carla Polido. 

a diferença”, avalia Polido. “E o nosso estudante está sendo formado nessa perspectiva, que valoriza a equipe multiprofissional e prioriza a relação com a saúde – já que 90% das gestantes não têm nenhuma doença –, com a realização de intervenções somente quando elas são realmente necessárias, o que diminui muito os riscos. Esta ainda não é a visão que impera no Brasil, embora transformações estejam acontecendo rapidamente, e nós temos aqui o primeiro serviço universitário orientado essencialmente para essa proposta”, finaliza.

Impactos e desafios

Essa formação de profissionais não apenas altamente qualificados tecnicamente, mas também comprometidos com a Saúde Pública, o cuidado integral e ampliado e o Sistema Único de Saúde é um dos primeiros impactos importantes do curso de Medicina da UFSCar que já podem ser notados. “No contato com egressos de outros cursos, nas atividades eletivas, por exemplo, muitas vezes eu tinha a sensação de que o SUS que eles estavam vendo, em ambientes muito controlados, não era o SUS de verdade. Quando a gente vive a situação real, como eu tive a oportunidade de viver no curso da UFSCar, a gente fica motivado a querer transformar

má-la. A gente só consegue pensar em construir o SUS quando a gente vive o SUS”, relata Karina Antonialli sobre a sua experiência. A médica, depois de formada, atuou na Atenção Primária e Secundária na rede municipal de São Carlos e, também, no Hospital Universitário, e, agora, quer se capacitar mais na área da gestão pública. “Eu senti que só a minha atuação na assistência à Saúde não seria suficiente para contribuir para a transformação que eu quero ver”, justifica.

Se há consenso em relação a inúmeros resultados positivos, ninguém nega que restam muitos desafios a serem superados. Por exemplo, a concretização de todo o potencial do Hospital Universitário, a consolidação da residência médica e a implantação da pós-graduação são metas a serem atingidas.

Motivados para aprender e transformar a sociedade

Diferentes aspectos destacados ao longo desta reportagem levam à ideia do médico em construção ao longo da vida como um resultado muito positivo e que confere ao curso de Medicina da UFSCar um de seus principais diferenciais, que é a formação desse profissional crítico, questionador e preparado para buscar a informação que ainda não tem e, as-

SAIBA MAIS

CURSO DE MEDICINA UFSCAR

Campus: São Carlos

Tipo: Bacharelado

Duração: 12 semestres

Modalidade: Presencial

Turno: Integral - Matutino e Vespertino

Vagas: 40

Carga Horária: 9345 horas

Telefone: (16) 3351-8382

Email: medicina@ufscar.br

Mais conteúdo

UFSCAR E SANTA CASA



<http://bit.ly/2Lc8bGw>

MOSTRA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE



<http://bit.ly/2G92omv>



- Local Agradável
- 6 Refeições Diárias
- Enfermagem 24h
- Fisioterapia
- Nutricionista
- Geriatria
- Higiene e Conforto

Chegou a hora de fazer mais
para quem fez muito por você!



**bem
estar**

Residência Geriátrica

**EXCELENTE,
TRANSFORMADORA,
TRANSPARENTE
E DE TODOS
NÓS.**

